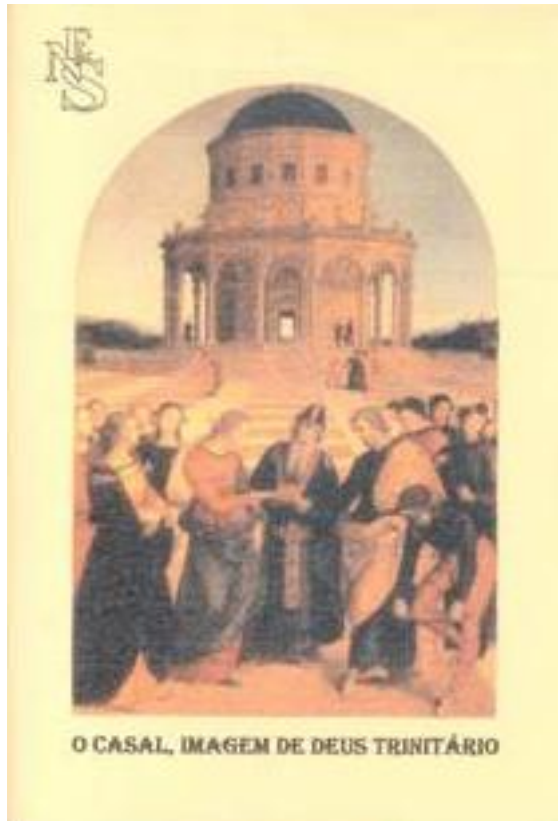


ENCONTRO DE SANTIAGO 2000



O Casal, Imagem de Deus Trinitário

Tema de Estudo

Setembro, 2000

ÍNDICE

1ª PARTE – INTRODUÇÃO5

NOTA DE ABERTURA	7
METODOLOGIA.....	8
REUNIÃO I.....	II-13
(INÍCIO DO ANO).....	II-13
TEMA: A METODOLOGIA PROPOSTA	II-13
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE O MISTÉRIO DE DEUS TRINITÁRIO..	II-13

2ª PARTE – O ENCONTRO DE SANTIAGO 2000.....17

REUNIÃO II.....	III-19
(2ª FEIRA, 18 DE SETEMBRO).....	III-19
TEMA: ACOLHIMENTO	III-19
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE O AMOR DE DEUS	III-19
REUNIÃO III	IV-25
(3ª FEIRA, 19 DE SETEMBRO).....	IV-25
TEMA: SER PESSOA.....	IV-25
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE O PECADO.....	IV-25
REUNIÃO IV.....	V-41
(4ª FEIRA, 20 DE SETEMBRO).....	V-41
TEMA: SER CASAL.....	V-41
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE A SALVAÇÃO	V-41
REUNIÃO V.....	VI-61
(5ª FEIRA, 21 DE SETEMBRO).....	VI-61
TEMA: SER CASADO	VI-61
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE A FÉ.....	VI-61
REUNIÃO VI.....	VII-71
(6ª FEIRA, 22 DE SETEMBRO).....	VII-71
TEMA: MINISTÉRIO CONJUGAL	VII-71
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE A CONVERSÃO.....	VII-71

REUNIÃO VII	VIII-79
(SÁBADO, 23 DE SETEMBRO).....	VIII-79
TEMA: O CASAL CRISTÃO, HOJE, NA IGREJA E NO MUNDO.....	VIII-79
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE JESUS, O SENHOR	VIII-79
REUNIÃO VIII	IX-87
(CELEBRAÇÃO FINAL)	IX-87
TEMA: O ENVIO E AS ORIENTAÇÕES DE VIDA	IX-87
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE A EFUSÃO DO ESPÍRITO SANTO	IX-87
<u>3ª PARTE – FINAL</u>	<u>97</u>
REUNIÃO IX	X-99
(FIM DO ANO).....	X-99
TEMA: O BALANÇO DO ANO	X-99
SUGESTÃO: REFLEXÃO SOBRE A COMUNIDADE.....	X-99
<u>MAGNIFICAT DE HOJE</u>	<u>106</u>
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>107</u>

ENCONTRO DE SANTIAGO 2000
O Casal, Imagem de Deus Trinitário

1ª Parte – Introdução

Nota de Abertura

O tema previsto para ser tratado durante o ano 2000/2001, “Ser Casal”, no desenvolvimento das orientações do Encontro Internacional de Santiago, não ficou pronto a tempo de ser utilizado no corrente ano, em virtude da doença do casal da ERI que o estava a preparar.

A equipa da Supra-Região de Portugal entendeu propôr aos casais a utilização da temática tratada no referido Encontro, como tema de estudo para o ano 2000/2001 – **O Casal, Imagem de Deus Trinitário**.

Podem assim, todos os casais, aproveitar a enorme riqueza do encontro, cuja preparação resultou, como é habitual, de uma grande reflexão a nível internacional sobre o tema, e de um discernimento sobre as orientações de vida a propôr para os próximos seis anos.

Aqueles que participaram no encontro têm agora mais uma oportunidade para saborear os temas, aprofundando-os, e dar testemunho aos outros casais da sua equipa sobre as experiências que viveram durante o encontro.

Este documento aparece pois para servir de base ao tratamento do tema do ano, que se pretende integrado com a vida do casal e da equipa. Para tal, para além do texto de meditação e do tema, contém pistas de reflexão, sugestões e propostas para usar ao longo do mês e questões para a reunião da equipa.

Esperamos pois que este ano nos ajude a descobrir e a viver o amor incondicional e eterno do Pai, a doação total do Filho e a presença sempre viva do Espírito Santo nas nossas vidas, para que sejamos, em casal, imagem de Deus Trinitário.

Tó e Zé Moura Soares

Metodologia

Este documento – Tema de Estudo e Elementos de Apoio para a Preparação das Reuniões de Equipa - pretende proporcionar aos casais uma vivência do Encontro Internacional de Santiago 2000 e segue o seu tema central: **O Casal, Imagem de Deus Trinitário**. Está estruturado (ver índice) de acordo com os seis dias da realização do Encontro e apresenta uma proposta para um total de nove reuniões (Outubro a Junho).

O facto de ter havido programas muito diferentes para os vários dias do Encontro de Santiago, conduz a um certo desequilíbrio entre os temas apresentados em cada reunião. No entanto optámos por manter a estrutura do Encontro por forma a melhor o poder reflectir.

Para cada reunião apresenta-se um texto de meditação, que serve também como pano de fundo para o Dever-de-se-sentar, um tema de estudo extraído do Encontro de Santiago e respectivas pistas de reflexão, questões para a partilha na reunião e sugestões para os restantes pontos concretos de esforço. Estas sugestões inspiram-se no próprio tema geral do encontro, e em particular no mistério de Deus Trinitário que é o ponto central da nossa fé e cujos elementos principais iremos visitar em cada mês.

Naturalmente que, como sabemos, a metodologia das ENS não se esgota na reunião mensal, pelo contrário, a reunião da equipa é o

culminar de uma vivência ao longo do mês e o ponto de partida para uma nova caminhada. É precisamente a pensar nesta caminhada, que deverá iniciar-se logo após cada reunião da equipa, que propomos estes **elementos de apoio**:

Pontos da Reunião da Equipa	Apoios ao Longo do Mês	Apoios para a Reunião da Equipa
Acolhimento e Jantar		
Oração	Textos vários (1 e 5)	Texto de meditação (1)
Pôr-em-comum	Considerado na proposta para o Dever-de-se-sentar(4)	
Partilha dos Pontos Concretos de Esforço	Sugestões (5) e propostas (4)	Questões para a Partilha (6)
Tema	Texto de apoio (2) e Pistas para reflexão em casal (3)	Pistas para debate na Reunião da Equipa (3)

Estes elementos de apoio são apresentados nos seis pontos que se seguem:

1. Texto de meditação para a reunião da equipa

Em geral utilizamos o evangelho da Celebração Eucarística do dia correspondente no Encontro de Santiago. Este texto pode ser também usado para o início do Dever-de-se-sentar.

2. Textos de apoio para o estudo do tema

Os textos de apoio são os do Encontro. Há dias em que utilizamos o texto da conferência e há outros em que, por não ter existido conferência, utilizamos a homília da Celebração Eucarística.

3. **Pistas sobre o tema, para reflexão em casal e debate na equipa**

Apresentamos um conjunto de pistas para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês e debate na equipa. Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão irá apresentar na reunião da equipa.

4. **Proposta para o Dever-de-se-sentar e Regra-de-vida**

Apresentamos algumas propostas para o arranque do Dever-de-se-sentar, com base no texto de meditação, que ajudarão a despoletar o diálogo.

Após o Dever-de-se-sentar cada um definirá a sua Regra-de-vida e os dois decidirão o que irão Pôr-em-comum na próxima reunião. O Pôr-em-comum é um ponto essencial da vida em comunidade pelo que não deve ser descurado.

5. **Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço** (Escuta da Palavra de Deus, Meditação e Oração conjugal/familiar), **ao longo do mês.**

Como vimos atrás, as sugestões para apoio da Escuta da Palavra Deus, Meditação (oração pessoal) e Oração conjugal/familiar são inspiradas no mistério de **Deus Trinitário**, ponto central da nossa fé, cujos elementos principais são: a descoberta do **Amor de Deus**, que nos ama incondicionalmente; a tomada de consciência do **Pecado**, corte de relação com Deus; a **Salvação** que nos é oferecida para restabelecermos essa relação; a **Fé** que temos, não em algo mas em alguém, Jesus Cristo; Fé essa que nos conduz à **Conversão**, vivendo segundo o modelo de **Cristo, Senhor** das nossas vidas, que nos enviou o **Espírito Santo** conforme havia prometido, para vivermos em **Comunidades** evangelizadas e evangelizadoras.

Os textos e sugestões apresentados neste ponto foram preparados segundo o esquema do Kerigma ou Primeiro Anúncio, utilizando alguns dos seus documentos base (ver bibliografia).

6. Questões para a Partilha durante a reunião

Como sabemos, os pontos concretos de esforço não são uma obrigação que devemos cumprir, mas meios para desenvolver atitudes que nos vão levando, pouco a pouco, à nossa conversão e por conseguinte a um modo de vida mais cristão.

As atitudes que os pontos concretos de esforço ajudam a desenvolver em nós são:

- Abrirmo-nos à Vontade e ao Amor de Deus.

Para tal temos de saber escutar e reservar momentos para conhecer essa vontade de Deus. São exemplo desses momentos a Escuta da Palavra de Deus, Meditação, Oração conjugal/familiar, Dever-de-se-sentar e Retiro espiritual

- Desenvolvermos a nossa capacidade para Viver a Verdade.

Ou seja, tomarmos consciência de nós mesmos com verdade. A Regra-de-vida ajuda-nos neste caminho desde que nós decidamos segui-lo.

- Aumentarmos a nossa capacidade de Viver o Encontro e a Comunhão.

Isto é, modificar a nossa maneira de estar, descentrando a nossa atenção de nós próprios e indo ao encontro dos outros, do Outro. Todos os pontos concretos de esforço nos ajudam nesta aprendizagem.

É neste espírito que em cada reunião colocamos algumas questões concretas para orientar i) a **partilha do esforço** realizado para cumprimento dos pontos concretos bem como ii) a **partilha da mudança de atitudes** que se pretende atingir.

REUNIÃO II

(Início do Ano)

Tema: **A Metodologia Proposta**

Sugestão: **Reflexão sobre o Mistério de Deus Trinitário**

1. Texto de meditação

«O que eu desejo é conhecer a Cristo e experimentar o poder da sua ressurreição, tomar parte nos seus sofrimentos, chegando a ser como ele na morte, com a esperança de conseguir a ressurreição correndo para a meta.

Não quero dizer que já tenha chegado ao fim, ou que seja perfeito, mas continuo a ver se o consigo, visto que para isso fui conquistado por Cristo.

É certo, meus irmãos, que eu não penso ter já conseguido isso, mas faço uma coisa: esqueço-me do que ficou para trás e esforço-me por atingir o que está diante de mim.

Deste modo, caminho em direcção à meta para obter o prémio que Deus nos prometeu dar no céu por meio de Cristo Jesus.»
(Fil.3,10-14).

2. Tema de estudo

Nesta primeira reunião não há propriamente um tema de estudo. O que propomos é a leitura da **Metodologia** para nos inteirarmos dos elementos de apoio que este documento contém, não só para o estudo do tema, mas também das sugestões e propostas para os pontos concretos de esforço. **É pois uma proposta de exigência**, um convite ao aprofundamento da nossa espiritualidade e ao nosso testemunho no mundo.

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:

Não esqueçamos que estes apoios apresentados na metodologia são para usarmos ao longo do mês, começando logo após cada reunião. Será que este ano conseguimos comprometermo-nos, a assumir esta **maior exigência**? Que propósitos estabelecemos que nos ajudem a que este ano seja um ano de maior exigência?

- Em equipa:

Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.

Ainda sobre esta proposta de maior exigência: como podemos fazer funcionar a entreatuda neste caso concreto? Qual o papel que o casal responsável pode desempenhar? E o casal animador? E nós?

Que propósitos estabelecemos para que neste ano, em equipa, consigamos esta maior exigência?

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Começemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo com esta interrogação:

- "...esqueço-me do que ficou para trás e esforço-me por atingir o que está diante de mim". Também nós vamos deixar o que está para trás e começar um novo ano. Quais são os propósitos mais importantes que queremos estabelecer que nos irão ajudar a caminhar em direcção à meta de que nos fala o texto de meditação (Fil.3,10-14)?

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança.

É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida.

Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

Para esta reunião sugerimos que nos concentremos no mistério de **Deus Trinitário**. “Para vislumbrarmos um pouco o mistério da comunhão dos divinos Três, devemos descer fundo nas nossas próprias experiências. Importa escutar o chamamento do amor que quer união, comunhão e fusão com a pessoa amada. No fundo, não mais queremos dizer “eu penso, eu quero, eu faço”, mas “nós pensamos, nós queremos, nós fazemos”, juntos e em comunhão. Se assim é conosco, pálida imagem da Trindade, quanto mais não é entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, três pessoas e um só Deus-amor-e-vida, verdadeiro protótipo de tudo o que é e vive”. (A Santíssima Trindade é a Melhor Comunidade, L. Boff)

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Mt. 11,25-27; 12,30-32; 28,18-20;

Lc. 3,21-22; 10,21-22; 11,9-13; 23,44-46;

Jo. 1,14-18; 3,34-36; 5,19-24; 14,13-17; 14,26;28; 15,26-27; 16,13-16;

II Cor. 13,13;

Gal. 3,14; 4,6;

Ef. 2,20-22;

Tito 3,6-7.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 232-267;
- **A Santíssima Trindade é a Melhor Comunidade**, Leonardo Boff (Vozes);
- **Rezando no Espírito, caminhos para a oração trinitária**, P. Carlos Paes (Edições Paulistas).

Meditação

- Na nossa oração pessoal ao longo do mês prestemos atenção à Pessoa da Santíssima Trindade a quem nos dirigimos em cada circunstância, nas diferentes formas que usamos para nomear Deus e meditemos sobre o seu significado.
- Rezemos o credo saboreando, frase a frase, o seu profundo sentido.

Oração conjugal/familiar

- Façamos a proposta anterior a todos os elementos da família.
- Rotativamente, ao longo do mês, cada um pode fazer a sua oração partilhada sobre uma frase do credo à sua escolha.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:

As sugestões apresentadas no ponto 5. (para a Escuta da **Palavra de Deus, Meditação e Oração** conjugal/ familiar) ajudaram a entender e a melhorar a minha/nossa relação com Deus Trinitário?

E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as maiores dificuldades que surgiram?

- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:

De que modo os pontos concretos de esforço me ajudaram a aprofundar, com **Verdade**, o conhecimento do eu e do casal que somos?

E nas outras atitudes, há evoluções assinaláveis?

ENCONTRO DE SANTIAGO 2000
O Casal, Imagem de Deus Trinitário

2ª Parte – O Encontro de Santiago 2000

REUNIÃO III

(2ª feira, 18 de Setembro)

Tema: **Acolhimento**

Sugestão: **Reflexão sobre o Amor de Deus**

1. Texto de meditação

«O Senhor disse a Abraão:

“Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai e vai para a terra que Eu te indicar.

Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.

Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem.

E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas”.

Abraão partiu como o Senhor lhe dissera, levando consigo Lot. Quando saiu de Haran, Abraão tinha setenta e cinco anos. Tomou Sara, sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, assim como todos os bens que possuíam e os escravos que tinham adquirido em Haran, e partiram todos para a terra de Canaã, e chegaram à terra de Canaã.» (Gn.12,1-5).

2. Tema de estudo

O primeiro dia do Encontro foi de viagem, em clima de peregrinação, e de acolhimento em Santiago.

À chegada tínhamos esta carta à nossa espera:

“Queridos amigos equipistas,

As Equipas de Nossa Senhora organizam, de seis em seis anos, um Encontro Internacional dos seus membros em lugares com um significado espiritual: Lourdes, Fátima e Roma, onde fomos já recebidos por três Papas - João XXIII, Paulo VI e João Paulo II.

O Colégio Internacional das Equipas de Nossa Senhora, reunido em Sevilha, em Julho de 1996 decidiu que este Encontro, no limiar do terceiro milénio da cristandade, se realizaria em Santiago de Compostela, lugar de conversão para os cristãos desde há séculos.

Todos nós, membros das Equipas de Nossa Senhora, estamos conscientes da necessidade, para o mundo de hoje, de casais e de famílias que se convertam a uma vida cada vez mais enraizada na Boa Nova de Jesus Cristo.

A Igreja precisa de casais com uma Fé sólida e conscientes da importância do Sacramento do Matrimónio face a um mundo que questiona o valor da vida e os conceitos de Casal e de Família.

O mundo precisa de casais preparados, prontos a agir como Igreja e fiéis às palavras do Génesis:

“Deus criou o ser humano à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn.1,27)

Vimos de todos os cantos do mundo até Santiago para rezar e reflectir juntos sobre “O Casal, Imagem de Deus Trinitário”. Assim, tentaremos viver em harmonia com os projectos de Deus enquanto “Cristãos casados, hoje, na Igreja e no mundo”.

Agradecemos a todos aqueles que prepararam este Encontro Internacional e, em especial, aos nossos amigos

espanhóis que o organizaram em espírito de colegialidade com os responsáveis do Movimento.

A todos desejamos um encontro cheio de alegria, de esperança e de fraternidade.

A Equipa Responsável Internacional:

Cidinha e Igar FEHR

Padre Cristobal Sárrias, s.j.

Constanza e Alberto ALVARADO

Teresa e Duarte da CUNHA

Maria Regina e Carlos Eduardo HEISE

Maureen e Tom HOBAN

Marie-Christine e Gérard de ROBERTY

Priscilla e Jean-Louis SIMONIS”

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:

Nada melhor para interiorizarmos o espírito do Encontro de Santiago que começarmos por ler e meditar na mensagem de acolhimento da Equipa Responsável Internacional, entregue a todos os casais e conselheiros espirituais (ponto 2.).

Temos consciência da necessidade, para o mundo de hoje, de casais e de famílias convertidos a uma vida cada vez mais segundo a Boa Nova de Jesus Cristo?

O que é que nós como casal e como família estamos a fazer neste sentido? Como podemos ir mais além?

- Em equipa:

Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.

Aproveitemos também para uma reflexão em equipa sobre as formas concretas de ajuda que cada um encontra na equipa para o apoiar no seu caminho de conversão. De que forma a equipa nos ajuda a agir como Igreja que somos? Já só nos move a

rotina enraizada no hábito e na amizade ou estamos a ser verdadeira Comunidade Cristã de Casais?

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Comecemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo recordando:

- Também nós, como Abraão, deixámos a nossa casa e os nossos pais, e os dois formámos a nossa família. Recordemos este nosso percurso, com Jesus como nosso companheiro, e salientemos as graças que temos recebido.

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida.

Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

A sugestão deste mês é reflectirmos sobre **o Amor de Deus**.

Deus ama-nos **incondicionalmente**, a cada um de nós, como somos. Deus ama **cada um** de nós como se fosse **único**. Deus ama-nos desde **sempre**, o Seu amor é **eterno**. Foi Deus que tomou a **iniciativa** de nos amar. Ele só pede que aceitemos o Seu amor.

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

I Reis 10,9;

I Crónicas 16,34; 16,41;

Is. 49,15; 54,8-10;

Jer. 31,3; 33,11;

Mt. 5,45; 6,25-27;
Lc. 15,11-32;
Jo. 3,16-17; 15,12;
I João 3,1; 4,7-21;
Rm. 8,37-39.
Ef. 1,5.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 218-221;
- **João Paulo II, Rico em misericórdia** (Dives in misericórdia), 15;
- **O Regresso do Filho Pródigo**, Henri Nouwen;
- **Deus Pai de Misericórdia**, Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000, Paulinas;
- **Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral: Deus Pai, Criador e Senhor (1998)**;
- **O Pai**, Cardial Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa.

Meditação

Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras, sobre as várias dimensões do Amor de Deus e como este Amor nos toca.

Mais concretamente, Deus ama-nos não porque somos *muito*, nem porque somos *bem* ou porque *temos* ou *fazemos*. Deus ama-nos! como somos, com o que temos e com o que fazemos. Meditemos sobre como somos reflexo deste amor para o nosso conjugue, para os nossos filhos e para os outros.

Oração conjugal/familiar

Partilhar experiências do amor de Deus na vida de cada um, em forma de oração partilhada de louvor, rotativamente ao longo do mês.

Descobrir como temos sido reflexo, uns para os outros, do Amor e Acolhimento de Deus.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:

As sugestões apresentadas no ponto 4. ajudaram a fixar a minha **Regra-de-vida**?

E nos restantes pontos concretos de esforço, que avanços conseguimos?

- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:

Em que circunstâncias, ao longo do mês, consegui/ conseguimos uma verdadeira escuta da **Vontade de Deus**?

E nas outras atitudes, quais as evoluções assinaláveis?

REUNIÃO IV

(3ª feira, 19 de Setembro)

Tema: **Ser Pessoa**

Sugestão: **Reflexão sobre o Pecado**

1. Texto de meditação

«Assim falou Jesus. Depois, levantando os olhos ao céu, exclamou: “Pai, chegou a hora! Manifesta a glória do Teu Filho, de modo que o Filho manifeste a Tua glória, segundo o poder que Lhe deste sobre toda a Humanidade, a fim de que dê a vida eterna a todos os que Lhe entregaste. Esta é a vida eterna: que Te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste. E manifestei a tua glória na Terra, levando a cabo a obra que Me deste a realizar.

E agora Tu, ó Pai, mostra a minha glória que Eu tinha junto de Ti, antes de o mundo existir.

Dei-Te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, Me deste. Eles eram Teus e Tu mos entregaste e têm guardado a Tua palavra. Agora ficaram a saber que tudo quanto Me deste vem de Ti, pois as palavras que Me transmitiste Eu lhas tenho transmitido. Eles receberam-nas e reconheceram verdadeiramente que Eu vim de Ti, e creram que Tu Me enviaste. É por eles que Eu rogo. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que Me confiaste, porque são Teus.

Tudo o que é meu é Teu e o que é Teu é Meu; e neles se manifesta a minha glória.

Doravante já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e Eu vou para Ti. Pai Santo, Tu que a Mim Te deste, guarda-os em Ti, para serem um só, como Nós somos ! Enquanto estava com eles, Eu guardava-os em Ti, em Ti que a Mim Me deste. Guardei-os e

nenhum deles se perdeu, a não ser o homem da perdição, cumpriu-se desse modo a Escritura.

Entreguei-lhes a Tua palavra, e o mundo odiou-os, porque eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo. Não Te peço que os tires do mundo, mas que os livres do maligno. De facto, eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo.

Faz que eles sejam Teus inteiramente, por meio da Verdade; a Verdade é a Tua Palavra. Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo, e por eles totalmente Me entrego, para que também eles fiquem a ser Teus inteiramente, por meio da Verdade.

Não rogo só por eles, mas também por aqueles que hão-de crer em Mim, por meio da sua palavra, para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste”.» (Jo.17,1-12; 14-21).

2. Tema de estudo

Ser Pessoa, Bartolomeo Sorge s. i.

«**Ser pessoa**» é a introdução, o ponto de partida destes nossos dias em Santiago. Na verdade, só depois de definirmos o que significa «**ser pessoa**» (querida) será possível compreendermos o que significa «**ser casal**» (escolhido), «**ser casados**» (amados) «**ser ministro do casal e da Família**» (responsável), «**ser casal cristão na Igreja e no mundo**» (enviados).

A maior dificuldade para compreender o que significa «ser pessoa» está na própria cultura dominante, aquela que respiramos todos os dias, que não apaga o princípio. A cultura dominante de hoje tem realmente uma concepção imanente da própria pessoa : exalta o individualismo e o subjectivismo; incita ao egoísmo e põe o seu próprio interesse acima do bem comum; reduz as relações sociais à pura observância das regras; identifica o bem-estar e a qualidade de vida humana com o consumo; afasta Deus do horizonte humano e pretende construir a cidade terrena “como se Deus não existisse”; tem em conta e tolera a religião como um puro fenómeno particular

ou de culto sem qualquer importância social; recusa a existência de regras éticas objectivas e exalta o relativismo ético como forma de maturidade civilizada e humana. Substancialmente, é uma cultura sem alma, materialista, nascida do Absoluto.

Agora, esta repulsa da cultura dominante em relação à transcendência destrói à partida não apenas a concepção, mas também a vida a pessoa humana. A história demonstra que Deus e o homem permanecem juntos ou caem juntos. Sempre que o homem esquece ou renega a sua abertura ao Absoluto, perde-se a si mesmo. Paulo VI comenta : *“Sem dúvida, o homem pode organizar a terra sem Deus, mas sem Deus no final ele apenas a pode organizar contra o homem. O humanismo de exclusão é um humanismo desumano. Pois não há um verdadeiro humanismo para além daquele que é aberto ao Absoluto, no reconhecimento de uma vocação, que possa abrir a ideia verídica da vida humana [...], o homem só se realiza a si mesmo transcendendo-se”*.

Perante este desafio radical da cultura contemporânea contra a concepção transcendente da pessoa humana, seria um erro crasso contentar-se em combatê-la confrontando-se exclusivamente no plano cultural. O Evangelho não pode ser reduzido a um puro assunto cultural, é algo de melhor, é a Vida, é a Palavra Viva, que transcende a cultura. Por um lado, o Evangelho funciona como consciência crítica, reflectindo o que há de positivo e de negativo no plano cultural numa determinada concepção de vida; no entanto, por outro lado, o Evangelho também tem a função de consciência profética e indica novos horizontes, renova os homens e os seus modelos de vida. Portanto, não basta criticar o que não está bem, é preciso construir, produzindo uma nova cultura e testemunhando os Valores do Reino *“Não vos deixeis vencer pelo mal, mas vencei-o pelo bem”* (Rom.12,21).

Hoje em dia, é na Família que o Evangelho e a cultura contemporânea mais se confrontam. Na verdade, a Família é, não só, o berço onde o homem nasce, se desenvolve e toma consciência do seu ser pessoa, mas, é também, a primeira célula da sociedade e da Igreja, o local onde a pessoa experimenta o que

significa ser o sujeito de uma dignidade transcendente e com direitos inalienáveis. Esta a razão pela qual vós, Equipas de Nossa Senhora, trabalhais na Família e para as Famílias, vós estais nos alicerces da construção de uma nova humanidade e da edificação do Reino de Deus. Por isso é tão importante ter em consideração o ponto de partida «ser pessoa».

Faremos três percursos: **a)** Veremos, antes de mais, que **Deus vem antes da pessoa**. «Ser pessoa» significa, portanto, ser imagem viva de Deus (querida). Sobre este ponto transcendente fundem-se a dignidade do homem e os seus direitos inalienáveis. **b)** Em segundo lugar, veremos que **a pessoa vem antes da Família**. «Ser pessoa», nunca é uma realidade fechada em si mesmo, mas é sempre uma realidade intrinsecamente social, aberta ao outro, fecunda : a Família é simultaneamente o local onde a pessoa nasce e para a qual a pessoa tende. **c)** Por fim veremos que **a Família vem antes da sociedade**. Portanto, a Família, é a «célula da sociedade» e é a «Igreja doméstica» : da “saúde” da Família depende a “saúde” da sociedade, seja ela civil ou de Fé.

a) Deus vem antes da pessoa

O homem vale por aquilo que ele é e não apenas por aquilo que tem ou faz. O homem merece amor e respeito porque vive, não porque tem algo. A sua dignidade está ligada ao facto de ser pessoa e, por isso mesmo, enquanto viver, cada homem guardará sempre a sua honorabilidade; ainda que seja pobre ou doente, ainda que seja carente ou delinquente. Numa palavra, a pessoa humana nunca perde a sua grandeza natural e nada pode retirar-lha. O homem permanece sempre como o princípio e o fim da coexistência. Sobre este ponto – em princípio – estamos substancialmente todos de acordo : *“Crentes e não crentes – ressalta o Concílio – todos estão mais ou menos de acordo que tudo o que existe sobre a terra deve ser relacionado com o homem, como o seu centro e o seu final”*.

A dificuldade surge quando se quer esclarecer a origem e o fundamento da dignidade da pessoa. Dão-se muitas explicações. Contudo – como o demonstra a história – nenhuma concepção naturalmente imanente do homem pode fundamentar de uma forma absoluta a sua dignidade e os seus direitos inalienáveis. Sempre que se nega ou ignora a origem transcendente da pessoa, cai-se no relativismo e o homem destrói-se. A raça, a cultura, a saúde, o poder, o sucesso, o dinheiro, ou qualquer outra realidade imanente, jamais poderão fundamentar o valor primeiro da pessoa.

A revelação divina vem em nosso auxílio, revelando o homem ao homem. *“A Sagrada Escritura – explica o Concílio – ensina que o homem foi criado ‘à imagem de Deus’, capaz de conhecer e amar o seu Criador e que foi por Ele posto acima de todas as criaturas terrestres como seu senhor, para as dominar e para delas se servir glorificando a Deus”*. Por outras palavras, a pessoa humana possui – contrariamente a todos os outros seres vivos – uma dignidade transcendente e direitos inalienáveis, pois foi criada “à imagem e à semelhança” de Deus (Gen.1,26).

Mas que significa ser criados à imagem de Deus ?

Na Bíblia a palavra «imagem» (em grego eikòn) indica a própria essência da realidade que está representada e tornada presente. Portanto, quando o Génesis afirma que *“Deus criou o homem à Sua imagem”* põe em evidência que a pessoa humana partilha o conhecimento e a liberdade de Deus. A pessoa humana é «imagem» de Deus – especifica o Concílio – desde que o homem *“sobre a terra é a única criatura que Deus quis para Si mesmo”*. Por outras palavras, João Paulo II comenta : *“a génese do homem não corresponde apenas à lei da biologia, mas directamente ao querer criador de Deus [...] Deus «quis» o homem desde o início – e Deus «quere-lo» em cada concepção e em cada nascimento de uma criança. Deus «quer» o homem como um ser semelhante a Ele, como pessoa”*. Portanto, ser criado «à imagem e à semelhança de Deus» significa duas coisas : primeiro, cada um de nós (cada pessoa humana) existe porque foi «querida»

directamente por Deus, por um livre movimento de amor; segundo, cada um de nós (cada pessoa humana) é livre e capaz de conhecer e amar.

Assim, esta dignidade transcendente da pessoa – já grande e sublime por si mesma – ganha a sua plenitude, graças sobretudo ao destino sobrenatural do homem. Na verdade, a Sagrada Escritura revela que *“a imagem de Deus invisível”* (Col.1,15) é, por excelência, Cristo, o Filho Único de Deus, que Se fez homem. *“A Deus, nunca ninguém viu [...] foi Ele (Cristo) que no-Lo revelou”* (Jo.1,18); quem O vê, vê Deus (Cfr.Jo14,9). Esta perturbadora revelação dá-nos a conhecer, como Cristo é imagem do Pai, e como por analogia também o homem é imagem de Deus; e, portanto, nada existe por acaso, mas, como Cristo e com Cristo, também nós fazemos parte dos desígnios eternos do Pai *“escondido durante séculos no espírito de Deus, Criador do universo”* (Efe.3,9) e, agora manifestado no final dos tempos : *“isto é o desígnio de resumir em Cristo todas as coisas, as do Céu e as da Terra”*. Cada pessoa humana é chamada a tornar-se – em Cristo – um «homem novo». (Efe.1,10; 2,15).

Portanto, a expressão *“ser pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus”* não significa apenas ser naturalmente inteligentes e livres, mas também ser capazes de participar na vida divina, a tornar-se filho no Filho, até poder dizer *“Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”* (Gal.2,20). Só em Cristo a pessoa humana retoma o seu pleno significado.

Neste ponto cada um de nós pode frasear e aplicar a si mesmo, com verdade, um texto bem conhecido de São Paulo aos Romanos *“Desde o início o Pai me conheceu e me amou no Seu Filho Único. Desde sempre me escolheu («predestinou») para ser Seu filho no Filho («para ser conforme a imagem de Seu Filho»), para que Ele fosse o mais velho de muitos irmãos. Por isso, Deus disse o meu nome («Ele também me chamou») fez-me entrar na comunhão da vida com Ele («Ele também me justificou – hebraico = çèdèq) e*

manifesta em mim o Seu poder («Ele também me glorificou»)” (Rom.8,29 s).

Eis portanto onde se fundamenta a dignidade transcendente da pessoa humana : no facto de ser querida e amada por Deus, chamada a participar na vida divina. **Conhece ó criatura humana, a tua grandeza!** Aqui está a premissa e a origem de cada verdadeiro discurso sobre o homem: **Deus vem antes da pessoa**, nela Ele fundamenta a dignidade, a liberdade, os direitos inalienáveis.

São estas as razões pelas quais a cultura dominante de hoje, envolvida no materialismo e no secularismo, atenta não apenas a dignidade do homem, mas tudo o que se fundamenta na dignidade pessoal, especialmente a Família e a sociedade. Consequentemente, para voltar a subir o declive da crise, é preciso recomeçar do reconhecimento da pessoa como «imagem» de Deus, e sobre isso fundamentar a Família e construir a sociedade.

Assim sendo, tudo o que fizermos para afirmar e defender a concepção transcendente do homem e os seus direitos encaminha-se rumo ao futuro. Trata-se, portanto, de intensificar aquilo que vós – Equipas de Nossa Senhora – já fazeis, persistindo ainda mais sobre a formação das consciências, sobre a vida de oração e sacramental, sobre a escuta da Palavra de Deus, até chegar – com a Sua graça – ao conhecimento e ao encontro pessoal com Deus Vivo, à conversão da vida na Fé. É preciso recomeçar a partir de Deus e da Sua supremacia na nossa vida, pois adquire-se a consciência de ser «imagem» de Deus mais do que com estudo, com a vida do Espírito, O qual nos conduz progressivamente à verdade total (cfr.Jo.16,13).

b) A pessoa vem antes da Família

Todavia, a pessoa humana jamais poderá ficar fechada em si mesma, pois tem sempre uma dimensão humana e só encontra a sua meta na Família, na Sociedade e na Igreja. Esta natureza

social não é exterior, mas intrínseca à pessoa. Também sobre esta dimensão o homem é imagem de Deus, no qual cada uma das três Pessoas Divinas vive uma relação intrínseca às Outras.

A Sagrada Escritura põe a tónica neste último detalhe da semelhança do homem com Deus. *“Desde o início – diz o Concílio - «homem e mulher [Deus] os criou» e a sua união constitui a primeira forma de comunhão de pessoas. O homem, pela sua natureza, é um ser social e sem relações com os outros não pode viver nem explicar as suas qualidades”*. Assim, depois de dizer *“à imagem de Deus o criou”*, o texto sagrado acrescenta imediatamente, no plural *“homem e mulher os criou”* (Gen.1,27). Seria o mesmo dizer: o homem criado à imagem de Deus não está isolado, mas intrinsecamente «social», como Deus que é Trindade; assim as relações humanas interpessoais são relações de comunhão e de amor, à imagem das da Trindade : *“Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança, chamando-o à existência por amor e ao mesmo tempo chamou-o ao amor”*; um amor que, pertencendo à própria existência da pessoa e orientando-o essencialmente para o outro, possui – como em Deus – uma dupla característica: é fecundo e indissolúvel. Estas são as características fundamentais, que tornam a Família também *“imagem e semelhança”* da Família Divina, de Deus Trinitário.

Antes de tudo, o amor é fecundo, gera a vida. Quando duas pessoas se amam, enriquecem-se uma à outra, sem dúvida no plano espiritual, pois o amor produz alegria, confiança na vida e em si mesmos, crescimento humano; e depois, também, no plano físico. Melhor dizendo, a fecundidade espiritual dos esposos atinge o seu auge na fecundidade física: um não pode enriquecer melhor o outro que tornando-o pai ou mãe. *“Os esposos, logo que se dão um ao outro – diz João Paulo II – dão-se para além deles próprios a realidade de um filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do seu ser pai e mãe”*. Graças à fecundidade espiritual e física, o ser pessoal realiza-se completamente na comunhão familiar.

Meus queridos esposos, Deus pensou em vós juntos! Vós sois duas pessoas, dois caracteres diferentes, tendes qualidades diferentes, e, no entanto, sendo e permanecendo dois, estais destinados a ser um. O vosso encontro, elevado pelo dom dos filhos, fruto do vosso amor, não é um acaso. É um projecto! “O homem e a mulher são chamados desde o início, não só, a viverem *“um próximo do outro”*, isto é, juntos, mas também são chamados a viverem reciprocamente *“um para o outro”*. Deus pensou em vós juntos, desde o começo. Pensando num, Deus sempre o pensou junto do outro e dos respectivos filhos.

Em segundo lugar, o amor é para sempre, indissolúvel. *“O dom da pessoa – explica João Paulo II – pela sua essência, exige ser duradouro e irrevogável. A indissolubilidade do Matrimónio brota em primeiro lugar da essência de um tal dom: doação da pessoa à pessoa”*. Quer dizer, a totalidade e a fidelidade da doação conjugal partem, também elas, deste ser pessoa «querida» à imagem e semelhança de Deus, que só pode amar infinitamente, com todo o seu ser, e «para sempre».

Exactamente por isso, também entre os esposos, *“a doação física total, seria uma mentira, se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, também na sua dimensão temporal, está presente: se a pessoa se reservasse de algo ou da possibilidade de escolher de outro modo para o futuro, para tal já não se daria totalmente”*.

Portanto, as ligações familiares assentam sobre a consciência que «ser pessoa» faz parte do projecto de Deus e sobre o facto que «ser imagem Deus» significa reconhecer à pessoa uma dignidade transcendente e os seus direitos inalienáveis. Assim, jamais se poderá reduzir a vida familiar – sem a destruir – a uma relação de casal na maioria das vezes extrínseca e funcional, como queria a cultura dominante, hoje: o marido executa a sua «função», a mulher executa a sua, e assim o lar doméstico «funciona» como um hotel ou uma fábrica, onde cada um executa o seu papel,

dando «funcionalidade» à empresa. E a comunhão? E o amor? E a unidade na dualidade?

Se queremos que a Família seja – como ela deve ser - «uma comunidade de pessoas, para as quais a própria maneira de existir e de conviver, é a comunhão das pessoas», devemos recuperar «a referência exemplar do **“nós”** divino. *Só as pessoas podem viver “em comunhão”*», à imagem e semelhança de Deus.

Assim, a verdadeira razão pela qual hoje a cultura dominante não aceita nem a fecundidade nem a indissolubilidade do amor está na recusa da transcendência da pessoa, do conceito do homem criado à imagem de Deus e chamado a partilhar a vida divina. E como o homem, quando perde Deus, perde-se a si mesmo, assim a Família, privada do seu fundamento absoluto, destrói-se. Não espanta pois, que muitos, hoje em dia, julguem a Família como um dos numerosos acontecimentos contingentes. Esta a razão porque, face às contínuas e profundas mudanças, eles acham normalíssimo interrogarem-se: se os modelos de ontem não servem mais em nenhum domínio, porque deveremos ficar agarrados aos velhos modelos de Família? Porquê, se um projecto de Família tem defeito, não se pode experimentar um segundo ou até talvez um terceiro, como fazer para um outro qualquer projecto humano ?

Na verdade, no contexto sócio-cultural dos nossos dias, é urgente voltar a lançar os fundamentos da Família sobre o valor absoluto de que ela é querida por Deus. Contudo, para tal não basta um propósito cultural. De novo tocamos na tecla do testemunho de vida. Mais do que raciocínios, é preciso experiência. Por isso, a forma mais eficaz de evangelização da Família é demonstrar com factos, com a vida, que abrir-se ao dom da graça divina, o que aparentemente parece impossível, não só é possível, como é maravilhoso ! Mas não basta proclamá-lo. O mundo de hoje tem orelhas surdas às palavras. *“O homem contemporâneo – repetia Paulo VI – ouve melhor os testemunhos que os mestres, ou se ouve os mestres, fá-lo porque eles também são testemunhos”*.

Hoje o mundo precisa de testemunhos do Evangelho. As Famílias em crise têm necessidade de vós, Equipas de Nossa Senhora, quer dizer que precisam de Famílias evidentemente prontas a dar conta das suas experiências confrontadas sob o plano cultural, mas sobretudo testemunhando estas experiências, vivendo em plenitude e alegria o Sacramento do Matrimónio, deixando transparecer a realização do grande mistério da união indissolúvel entre Cristo e a Igreja.

c) A Família vem antes da sociedade

Neste ponto, o horizonte alarga-se posteriormente. Na verdade, a pessoa não só se aperfeiçoa no interior da Família, mas por intermédio da Família, tornando-se centro e célula viva da sociedade civil. *“Da natureza social do homem – explica o Concílio – parece evidente como o aperfeiçoamento da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade sejam entre eles interdependentes. Com efeito, começo, sujeito e fim de todas as instituições sociais é e deve ser a pessoa humana, isto é, aquela que pela sua natureza tem extrema necessidade de sociabilidade. Como a vida social não é algo exterior ao homem, este ganha em todas as suas qualidades e pode responder à sua vocação pelas relações com os outros, os deveres mútuos, o diálogo com os irmãos”.*

Compreende-se agora porque é que o amor e a solidariedade, isto é a ligação que – à imagem de Deus – assemelha os homens entre si, não só na Família, mas também na sociedade civil, é algo mais do que *“um sentimento de vaga compaixão ou de superficial ternura pelos males de muita gente, vizinha ou afastada. Pelo contrário, trata-se de uma determinação firme e perseverante de se comprometer com o bem comum: isto é pelo bem de todos e de cada um, pois todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”*. Na verdade, ser “à imagem de Deus” se, por um lado, sublima a dignidade da pessoa assim, por outro lado glorifica o amor e a solidariedade entre os homens (na Família e na

sociedade) transformando-as em Caridade (ágape): à luz da Fé, a solidariedade tende a superar-se a si mesma, a revestir as dimensões especificamente cristãs da gratuidade total, do perdão e da reconciliação. Então o próximo não é só um ser humano com os seus direitos e a sua fundamental igualdade diante de todos, mas torna-se imagem viva de Deus Pai, redimida pelo sangue de Jesus Cristo e posta sob a acção permanente do Espírito Santo. Assim o próximo deve ser amado, mesmo se inimigo, com o mesmo amor com o qual o Senhor o ama e por Ele é preciso estar disposto ao sacrifício, talvez supremo de «dar a vida pelos seus irmãos». O amor do cristão, não é simples filantropia, nem simples solidariedade, é Caridade (ágape), isto é, amor total, gratuito e desinteressado, que transforma a sociedade humana em «Civilização do Amor».

É importante que as Famílias cristãs testemunhem a supremacia da Caridade, quer na sua vida interior, mas também no exterior, comprometendo-se na sociedade multicultural, multiétnica e plurireligiosa dos nossos dias. A Caridade é, realmente, o cimento evangélico que o cristão introduz na construção da cidade, para a edificação da «Civilização do Amor».

A Família é – por definição – o local privilegiado onde se ensinam e aprendem as virtudes sociais, onde as novas gerações aprendem a conhecer o rosto da sociedade, a pequena Igreja Doméstica onde «os Pais devem ser para os filhos os primeiros anunciadores da Fé», ensinando-lhes a descobrir o rosto de Deus para O servir nos pobres, nos doentes, nos marginalizados. Por isso a missão da Família extravasa os muros domésticos e exige que se torne activa e presente na vida social e na vida eclesial, para aí exercer uma dupla missão :

A primeira deve ser uma função crítica, isto é, opondo-se e reagindo face às mensagens negativas que todos os dias invadem as casas, difundindo pseudo valores e falsas visões da vida.

A segunda é uma função profética, não basta manter-se à defesa, é necessário que as Famílias cristãs actuem em locais descobertos e se comprometam na construção de um futuro melhor, e também é necessário que as Famílias estejam presentes na vida pública, para serem agentes de renovação espiritual e moral.

Estas serão as principais coordenadas da caminhada das Equipas de Nossa Senhora face aos desafios da cultura dominante, impregnada de materialismo e de laicismo: recomeçar a partir de Deus, fundar a Família sobre a dignidade da pessoa criada à imagem de Deus, abrir a Família à sociedade e à Igreja, comprometer-se também publicamente para que nasça a Civilização do Amor.

Que Nossa Senhora, Esposa do Espírito Santo, Mãe do Filho do Pai e nossa Mãe muito carinhosa guie e acompanhe esta nossa caminhada. Amen. Vem, Senhor Jesus.

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:

Somos os amados, os queridos de Deus, aqueles com quem Ele quis partilhar a vida eterna. E nós, como partilhamos um com o outro esta vida que nos é oferecida? E em família, estamos a desempenhar o verdadeiro papel a que somos chamados? Estamos a formar a nossa consciência e a dos nossos filhos segundo os critérios do evangelho? Somos para eles verdadeiras testemunhas de Deus actuando crítica e profeticamente face ao mundo em que vivemos? Como?

- Em equipa:

Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.

Esta reflexão foi, de alguma forma, nova para nós? Que aspectos focados no tema mais nos entusiasmarão? O sabermos que sendo dois estamos destinados a sermos um, à imagem de Deus Trinitário, que sentimentos nos provoca?

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Comecemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo com esta interrogação:

- “Fomos confiados a Cristo”. Em que medida sinto que me foste confiado(a)? Como tenho respondido a este chamamento?

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida.

Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

A sugestão deste mês é reflectir sobre o **Pecado**.

Na reunião anterior falámos do Amor de Deus. Deus ama-nos. Ama todos os homens, ama toda a humanidade, mas também a cada um de nós de uma maneira pessoal, como cada um necessita de ser amado.

Mas, no fundo, em todos nós está latente uma inquietação profunda: se Deus nos Ama, porque é que nem sempre o experimentamos? Porque há mal no mundo?

O problema que temos é que somos pecadores e, portanto, estamos por vezes afastados do Amor de Deus, ou seja, não lhe correspondemos, fazemos um corte com Ele. Portanto, Deus não é o autor dos males do mundo, é a nossa natureza que é pecadora (Cf. Rm.3,23).

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Gn. 3,10-12; 3,17;

Mt. 3,5-6; 4,17; 9,3-6; 9,11-13; 12,30-32; 18,6-9;

Mc. 1,14-15; 2,16-17; 7,21-23; 11,25-26;

Lc. 5,30-32; 7,44-50; 17,1;
Jo. 8,1-11; 8,33-34; 16,8-9;
Act. 10,43; 17,30; 26,18;
Rm. 2,8-10; 3,9-20; 3,23; 7,14-25; 12,9-21; 14,13-23;
I Cor. 14,20;
I Tes. 5,15;
II Ped. 1,8-10;
I Jo. 3,4-6.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 385;
- **Penitência e Reconciliação do Cristão**, Max Huot de Longchamp, SAP – Patriarcado de Lisboa.

Meditação

Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras, sobre as várias dimensões do Pecado, corte da nossa relação com Deus.

Descobrir os aspectos em que, no nosso caso, este corte tem sido mais profundo ou mais duradouro.

Oração conjugal/familiar

Cada membro da família pode fazer rotativamente em cada dia a sua oração partilhando os sentimentos, ideias ou atitudes que o afastam de Deus.

E mais especificamente, quais os que mais nos afastam uns dos outros, em família.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:

Tomemos neste mês a decisão de procurarmos participar num **Retiro** durante este ano e partilhemos com os outros casais a decisão tomada e as formas que pensamos usar para a pôr em prática.

E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as melhorias que surgiram?

- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:

Fomos verdadeiramente um para o outro oportunidade de **Encontro e Comunhão** durante este mês? E na nossa família? E no nosso emprego? E na nossa equipa existe verdadeiro Encontro e Comunhão? Sentimo-nos mesmo irmãos? E nas restantes atitudes, quais foram as evoluções mais assinaláveis?

REUNIÃO V

(4ª feira, 20 de Setembro)

Tema: **Ser Casal**

Sugestão: **Reflexão sobre a Salvação**

1. Texto de meditação

«Jesus respondeu aos fariseus: “Não lestes que o Criador, desde o princípio, *fê-los homem e mulher*, e disse: *‘Por isso o homem deixará o Pai e a Mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois um só?’*. Portanto, já não são dois, mas um só. Pois bem, o que Deus uniu não o separe o homem”.» (Mt.19,4-6).

2. Tema de estudo

Ser casal: “*Não é bom que o homem esteja só*” (Gn.2,18)

Ser casal cristão: “*Assim já não são dois, mas uma só carne*” (Mt.19,6)

Fidelidade e Perdão (Dr. Jack Dominian)

Hoje, gostaria de partilhar convosco uma visão, uma visão sobre o que significa a vida da família, sobre o que ela significa no seio da comunidade cristã, sobre o que ela significa no seio da sociedade. Começo pelo Mistério de Deus. Todos nós, nesta sala, partilhamos a ideia fundamental que existe, por um lado, o cosmos com os seus milhões de estrelas e os seus milhões de anos-luz e, por outro lado, a relação de amor – única e individual – entre as pessoas. Este largo espectro é um mistério que não apareceu por acaso, que não surgiu do caos, mas que foi o fruto de um Deus que Amor. A fonte deste Amor pôs à nossa disposição o mistério deste

mundo. Ele amou-nos tanto que nos deu o Seu Filho Único para que Ele manifestasse na Sua Carne, na Sua Encarnação, o que significava este Amor. Mas Ele pediu-nos que introduzíssemos esta vida de amor nas nossas próprias vidas e que, depois da morte, vivéssemos uma vida de amor com Ele. É isto que, verdadeiramente, faz de nós cristãos. A minha missão é demonstrar como esta vida de amor é vivida no Matrimónio de uma forma única.

Começemos por factos concretos: Todos nós temos consciência que estamos frente a uma crise do Matrimónio e da Família e não sabemos que fazer a este respeito. Vemos que esta crise se manifesta nas nossas próprias Famílias – talvez alguns dos nossos próprios filhos ou dos nossos amigos já romperam com o seu Matrimónio. Vemos essa crise em milhões de família monoparentais encarregues de milhões de filhos. Vemos essa crise nas consequências das rupturas de Matrimónio: saúde deteriorada, depressão, suicídio. Vemos essa crise a nível económico já que os divórcios custam milhares de dólares nos respectivos países. Estamos perplexos perante a constatação que nem a sociedade, nem a Igreja parecem saber como remediar esta crise. A primeira parte da minha conferência consistirá, portanto, na análise desta crise e como o cristianismo pode, se possível, remediá-la.

Primeiro que tudo devemos recordar que somos seres encarnados. Devemos viver da vida de Deus na nossa carne, nas nossas relações pessoais e estas relações pessoais reflectem o carácter sempre em mutação dos seres. Devemos consciencializarmo-nos que o Matrimónio está em mudança: de um contrato donde emanavam funções na sociedade, torna-se numa relação íntima de amor. Tradicionalmente, quando um homem e uma mulher se casavam, tinham papéis muito definidos a desempenhar. O homem era quem ganhava o pão de cada dia, era ele o chefe de família, que tomava decisões, que representava a família no exterior. A mulher punha crianças no mundo, educava-as e ocupava-se da casa. Enquanto representassem estas papeis e se mantivessem

fiéis um ao outro, o casamento deles era considerado bem sucedido.

Assim era o modelo do Matrimónio através do mundo, mas desde há cem anos, mais propriamente desde há cinquenta anos, este modelo transformou-se. Transformou-se porque as mulheres se transformaram. Transformou-se porque a emancipação da mulher está a modificar profundamente a sociedade ocidental. O homem já não é o único a ganhar a vida. Muitas são as mulheres que trabalham fora de casa, pelo que a relação entre eles – no plano económico – está modificada.

Abandonamos a estrutura hierárquica das relações, de tal modo que o homem e a mulher, sendo bem diferentes, são reconhecidos com igual valor. Toda a comunicação entre o homem e a mulher é feita numa base de igualdade. O número de filhos por família é consideravelmente reduzido e, hoje numa média de dois, os filhos já não ocupam a totalidade da vida familiar como nas gerações precedentes. O que se passa, é o desabamento da repartição tradicional das tarefas e, em contrapartida, a aproximação dos cônjuges; o critério do sucesso já não está no modo de desempenhar o seu papel mas na qualidade da relação. A frequência dos fracassos conjugais deriva daquilo que a relação entre cônjuges necessita e das aptidões diferentes daquelas que são requeridas para desempenhar um papel. Nem a Sociedade, nem a Igreja formaram artistas da relação conjugal.

Esta arte da relação pode resumir-se numa palavra: AMOR.

Este o ponto de encontro entre o homem e Deus. Longe de desesperarmos porque o mundo segue uma direcção e nós – cristãos – seguimos outra, constatamos uma convergência entre as visões da sociedade e da Igreja no que respeita ao Matrimónio que é vista como um fim do amor. O Concílio Vaticano II deixou-nos uma maravilhosa ideologia do Matrimónio definindo-o como uma comunidade de vida e de amor numa aliança comprometida nas relações pessoais. Assim, longe de recearmos dirigirmo-nos ao mundo, podemos fazê-lo compreendendo que o que o mundo

procura é o amor. Tudo isto me conduz ao tema principal do meu propósito que é FIDELIDADE e PERDÃO.

O sentido corrente que o mundo de hoje dá à palavra FIDELIDADE é, sem dúvida, a fidelidade sexual. No entanto, quero alargar efectivamente o sentido a toda a atitude dos esposos um para com o outro, à sua atitude de fidelidade que revela esta amor de Deus à imagem do qual foram criados, o Deus Trinitário em três pessoas que vivem numa relação de amor umas com as outras. Assim irei considerar este amor que reflecte a fidelidade e mostrar como se podem remediar as faltas de fidelidade pelo perdão e a cura das feridas.

Vê-se a fidelidade de um casal pelo modo como os esposos se comportam um para com o outro pelo amor. Mas qual é a nossa concepção de amor humano? Como psiquiatra, o modelo de amor humano que se me apresenta é o amor entre pais e filhos. É a primeira relação íntima de amor nas nossas vidas, o amor entre esposos vem em segundo lugar. O amor fiel dos pais pelos seus filhos traduz-se pela educação ou suporte moral, a cura das suas feridas e o encorajamento da seu crescimento, da sua maturidade. Estas serão as palavras chave que utilizarei em várias repetições.

Deus manifesta o Seu Amor pela Sua criação criando a vida e dando-lhe o Seu apoio com toda a solicitude. Tal é a superabundância do Seu Amor. Os pais criam uma vida nova nos seus filhos e dão-lhes alimento e educação. Também podemos ver na solicitude e na educação o reflexo deste amor fiel como Deus ama o Seu povo e como os esposos se amam um ao outro. Vejamos agora quais são as componentes deste amor que é suporte mútuo.

Começemos pela necessidade da criança da disponibilidade dos seus Pais. O bebé precisa de uma atenção constante. Ele é levado ao colo, acarinhado, alimentado, mudado e precisa que se lhe fale. Esta disponibilidade dos pais em relação aos seus filhos está na segunda relação íntima – a do Matrimónio. Várias investigações demonstraram que os casais têm necessidade de disponibilidade física e afectiva.

Por outras palavras, precisam passar tempo juntos, precisam estar juntos um com o outro, de se sentarem juntos, de passearem, de fazer compras, de estar juntos um com o outro, de pôr em comum todo o seu ser: como dizia o Bispo na sua homília desta manhã, é «o dever ou o prazer de se sentarem juntos». Eles precisam não só de disponibilidade física como também de disponibilidade afectiva. Precisam de estar cada um em contacto com o mundo íntimo do outro, para tomarem consciência dos seus próprios sentimentos.

O segundo factor de suporte é a comunicação. A comunicação começa na infância sem palavras e desenvolve-se depois com a palavra e é assim que a comunicação prossegue na segunda relação íntima. A comunicação é indispensável ao amor conjugal onde toma duas formas: uma verbal e outra não verbal, tal como os olhares, os sorrisos e os gestos que trocamos: é a linguagem do corpo. Expressamos o nosso amor fiel mantendo-nos presentes um ao outro pelas nossas trocas de palavras e abrindo-nos um ao outro tanto quanto o podemos.

O que acontece, e sabemos-lo pela experiência, é que esta comunicação é um fenómeno extremamente complexo. Homens e mulheres expressam-se de modos diferentes. Os homens privilegiam o objecto, a eficácia a descrição factual. As mulheres comunicam para estabelecer laços e implicações pessoais.

Esta diferença de linguagem provoca inúmeras dificuldades. As mulheres falam mais, falam melhor e comunicam melhor, ao ponto de os homens acharem, por vezes, provocante este dom maravilhoso que elas receberam. Conta-se a história de uma mulher que, nos Estados Unidos, tinha iniciado uma acção de divórcio e a quem o juiz perguntou: «Porque é que se quer divorciar do seu marido?» Ela respondeu: «Ele não fala comigo há já dois anos.» O Juiz voltou-se para o marido e disse-lhe: «É verdade que não fala com a sua mulher há já dois anos?» O marido respondeu: «Sim, é verdade, eu não queria interrompê-la !».

O terceiro factor é a demonstração do afecto. Uma criança sente-se reconhecida, desejada e estimada; por outras palavras, sente-se fielmente amada quando é abraçada, apertada, acarinhada. O

mesmo se passa no casamento, sentimo-nos amados quando, entre esposos, trocamos sinais e gestos de afecto. Alguns casais vêm ter comigo e a mulher diz-me: »Agora, ela já não me diz que me ama ...» O marido parece perplexo e coçando a cabeça diz: «Há vinte anos, disse-te que te amava. Porque quererás ouvi-lo de novo? Se mudar de opinião dir-te-ei !»

A comunicação do afecto está no centro do amor.

Em quarto lugar, para uma criança, a estima de si mesma aumenta quando é felicitada, pelos seus pais e educadores, pelo que fez. A criança gosta que lhe digam: «BRAVO !», «MUITO BEM !» O mesmo se passa no casamento. Todos gostamos de ser louvados e, uma excelente forma de expressarem a fidelidade, um ao outro, é felicitarem-se mutuamente.

Há um abismo entre começar uma frase com palavras tipo «o problema contigo, é ...» ou começar dizendo: «Obrigado, gostei muito que ...» O equilíbrio entre a felicitação e a crítica é vital para a arte de amar nos nossos dias.

Enfim há sempre resolução para os conflitos. As crianças discutem e disputam com os seus pais. Durante algum tempo estes zangam-se com o filho, mas depressa se reconciliam, os diferendos são resolvidos e o amor é restaurado. O mesmo se passa também com o casal. Discutem e disputam, depois resolvem os seus diferendos. A resolução dos conflitos está na base da fidelidade autêntica do casal. Não há verdadeira intimidade sem querelas. A querela é o reverso da medalha de intimidade. É preciso que olhemos cada querela, não como um trampolim para ganhar uma batalha, não como uma luta de poder, mas como uma crise, de modo a aprender até que ponto se ofendeu aquele ou aquela que se ama, a fim de evitar repetir no futuro.

Resumirei, portanto, as características da fidelidade amante expressas no apoio mútuo: são elas a disponibilidade, a comunicação, a demonstração de afecto, a felicitação e a resolução de conflitos.

Este é o lado positivo do apoio mútuo, mas nós encalhamos constantemente. Deus sabe-o muito bem, por isso Ele enviou-nos o Seu Filho Único para nos salvar da nossa incapacidade de amar suficientemente. Segundo o pensamento cristão, é no perdão que vemos a resposta a esta falta de amor e é verdade. O perdão é a acção e a atitude pelas quais não levamos em linha de conta a nossa ofensa e a nossa cólera para com a pessoa que no-las provocaram. Muitas vezes, a noção de perdão não vai muito longe, o que é lamentável. O perdão implica a resolução de melhor fazer no futuro para evitar ferir de novo. Portanto, escusado será dizer que perdoando se apagam a cólera e a ofensa sentidas em relação à pessoa que nos ofendeu.

Permitam-me que vos diga algumas palavras sobre este processo: Quando somos ofendidos o grau de pena e de cólera que experimentamos depende da nossa sensibilidade pessoal. Alguns poderão ter um baixo limite de sensibilidade e sentir muita dor com algo que a outros pode parecer sem importância. É inútil dizer ao seu cônjuge que não deveria sentir-se ofendido com uma bagatela. Precisamos conhecer o verdadeiro nível da sua sensibilidade e aceitar que alguns se sintam mais facilmente magoados. Quando é esse o caso, é preciso dar-lhes tempo para se recompoem. A ferida pode ser grande e profunda. Se nós nos desculpamos, não devemos esperar sempre uma reconciliação imediato. Desejamo-la ardentemente, mas como as crianças não gostamos ficar muito tempo fora ao frio, esperando uma reconciliação calorosa com os nossos pais. Há portanto um factor tempo no perdão. Podemos castigar o nosso cônjuge pelo tempo durante o qual o mantemos à distância.

Mas, voltando ao perdão, o nosso arrependimento deve ser não só profundamente sentido, mas também e sobretudo, devemos provar um desejo sincero de arrependimento, o que numa linguagem teológico-tradicional quer dizer, tentar evitar ofender de novo.

Mas então, que poderemos nós fazer quando não conseguimos apoiar-nos mutuamente num amor confiante? O primeiro elemento que mencionei aqui foi a disponibilidade. A falta

de disponibilidade é um problema corrente na nossa sociedade moderna. Em muitos casos, os dois cônjuges trabalham fora de casa e os seus filhos apenas lhes deixam algum tempo para se encontrarem os dois a sós. Devemos ter consciência da necessidade da disponibilidade de um para com o outro. Podemos perdoar baixas passageiras de disponibilidade, mas, a longo prazo, o corolário do perdão é o desejo de estar com o seu cônjuge. Aquilo que muitas vezes temos que perdoar, não é a falta ocasional de disponibilidade na nossa vida comum, mas, mais grave que isso, nos problemas conjugais actuais, precisamos de nos perdoar, ou pelo menos de tentar compreender, que o nosso cônjuge tem dificuldade em viver na nossa companhia. Os conselheiros conjugais através do mundo deparam-se muitas vezes com este problema. Devemos ir mais além do perdão para tentar compreender porque é que o que fazemos repele o nosso cônjuge. **Temos suficiente cuidado com a nossa aparência, com os assuntos de interesse que nos preocupam, com as saídas que organizamos, etc. etc.?** Se o nosso cônjuge acha difícil estar connosco, então, para além do perdão, o remédio supõe que descubramos o que não está certo em nós próprios.

Na sequência da disponibilidade, temos a comunicação onde há muito a perdoar. **Falamos de mais ou de menos um com o outro? Sabemos escutar-nos? Esperamos pacientemente que o nosso cônjuge termine de falar antes de começarmos também a falar? Escutamos atentamente não apenas o sentimento das palavras do nosso cônjuge, mas também o sentimento que elas revelam? Interrompemo-nos frequentemente?** É necessário tolerância, perdão e reconciliação para que nos esforcemos por compreender os nossos respectivos estilos de comunicação.

Quanto às demonstrações de afecto, estaremos conscientes que o nosso cônjuge precisa de beijos, abraços, carinhos noutros momentos que não apenas sexuais? O afecto não sexual é uma chave do amor. Quando se sente essa necessidade e tal não acontece, será que se aceita ser privado do afecto ou insiste-se para que tal seja mudado?

No que se refere ao elogio ou ao encorajamento, somos daqueles que se calam quando tudo está bem e só abrimos a boca para criticar? O próprio Jesus teve necessidade de ser encorajado e Ele foi-o no Baptismo e na Transfiguração. Que fazemos para sermos menos negligentes nos elogios a respeito do nosso cônjuge?

A resolução do conflito aparece na sequência do perdão, e é essencial. Temos que nos assegurar que não só perdoamos aqueles que nos ofenderam mas sobretudo entendemos a causa do conflito a fim de evitar que este se repita. É fácil passar de uma reconciliação a outra sem ter chegado a perceber onde está o problema. De cada vez que se perdoa, é essencial que não se adopte uma atitude de superioridade, um sentimento de satisfação à medida da nossa magnitude. Quando se perdoa há que chegar ao coração magoado do ofensor.

Para além do apoio mútuo, a fidelidade exige a cura de feridas passadas. Através da comunicação descobrimos que o nosso cônjuge tem não só pontos fortes, mas também fraquezas, não só dons mas também feridas. A nossa forma de zelar pelas feridas um do outro está no centro da arte de amar. Deus trata continuamente das nossas feridas restaurando a nossa relação com Ele sempre que caímos no pecado. Os nossos Pais curam as nossas feridas ao longo de toda a nossa infância sempre que sofremos devido a insuficiências psíquicas, sociais e afectivas.

Os cônjuges tratam mutuamente das suas feridas ao longo de toda a sua vida conjugal. São pessoas feridas quando se casam; estas feridas resultam de uma desordem genética ou de qualquer insuficiência de maturidade. Por isso se aproximam um do outro quando se sentem inquietos e lhes falta confiança, ou quando se sentem vulneráveis, receosos, indesejados, mal amados, rejeitados, inseguros de si mesmos, etc. Cada cônjuge reconhece estas feridas e tratá-las é uma forma de ser fiel e de cada um contribuir para a restauração da integridade do outro. Procedendo assim, os cônjuges dão-se uma nova oportunidade de experimentarem sentimentos que lhes tinham feito falta pela

primeira vez na infância. O tratamento das feridas é uma expressão singular da fidelidade amorosa.

As feridas do nosso cônjuge podem ser particularmente penosas. Ele é egoísta, egocêntrico, narcisista; ele coloca-se sempre em primeiro lugar; ele está normalmente atrasado; ele foge da nossa companhia; ele ignora os nossos apelos de mudança da sua forma de agir; ele pode ser agressivo e a violência doméstica é vulgar no mundo. Uma pessoa ferida fica ancorada nos seus hábitos de comportamento. Ela fica facilmente irritada, ela pode ser violenta ou mesmo mesquinha e avara. O seu problema persiste qualquer que ele seja. Perdoar é portanto muito mais difícil. É preciso amar o seu cônjuge magoado sendo mais paciente, tolerando durante mais tempo as suas deficiências, sobretudo, jamais perder a esperança que tudo mudará. O método mais frutuoso é ressaltar cada pequeno esforço de melhoras e alegrar-se com isso.

É preciso perdoar elogiando constantemente, em vez de adoptar atitudes tipo «é muito pouco», «é demasiado tarde». A pessoa ferida é escrava dos seus hábitos e é-lhe mais fácil repetir comportamentos problemáticos que evitá-los. Há homens e mulheres que estão sempre atrasados e que têm sempre uma desculpa para os seus maus comportamentos. É difícil perdoar diante um sofrimento persistente. Mas o perdão, ainda que pressuponha tolerância, exige que nunca se abandone a jogada e que sempre se encoraje a mudança. Poderemos estar fartos do comportamento do nosso cônjuge – e muitas vezes assim é – mas é quando que se está quase no final que é preciso tudo recomeçar.

A terceira forma de ser amorosamente fiel, é ajudar-se mutuamente a crescer, a realizar-se individualmente, a aumentar a sua capacidade de amar, a tornar mais verdadeira a imagem de Deus um no outro. Temos que prestar uma atenção redobrada às nossas respectivas necessidades. Amamo-nos mutuamente zelando pelas necessidades materiais, tais como o alimento, o alojamento, os bens móveis e, também, assegurando-nos que o outro tem meios para crescer e desabrochar. Os esposos engrandecem social e afectivamente na sua vida adulta. Engrandecem tornando-se

independentes, tomando iniciativas, sendo criativos, adquirindo novas competências e assumindo novas missões. O cônjuge facilita este crescimento encorajando e apoiando o outro.

O crescimento da maturidade pode exigir que se perdoem quando um deles progrediu e o outro ficou para trás sem avançar. Quando um ganhou confiança em si mesmo e se sente aventureiro enquanto que o outro está atolado nos velhos hábitos e se mantém pouco disposto a mudar.

Um crescimento desigual e mudanças entre os esposos acarretam por vezes que temos que perdoar ao outro devendo suportar a sua capacidade de nos seguir. Por vezes são as ferroadas repetidas do nosso parceiro que nos irritam. O nosso cônjuge talvez veja primeiro no nosso comportamento uma desculpa intelectual «Se tu me amas farás isto ou aquilo por mim!». Alguns continuam a acreditar que tudo o que é necessário é uma mudança racional da vontade, têm dificuldade em pensar que as emoções e os sentimentos também contam. Por isso, acabam por concluir que fazemos de propósito para não mudar, quando afinal fazemos realmente o nosso melhor, mas temos muita dificuldade de nos modificar. Em tais circunstâncias, é preciso perdoar cegamente o seu cônjuge. Então, as palavras de Jesus vêm-nos à memória: Perdoai-lhes pois não sabem o que fazem». Quantas vezes não precisamos perdoar o comportamento do nosso cônjuge que está ferido, não por maldade, mas por ignorância !.

Até agora mencionei o apoio mútuo, o tratamento das feridas e o crescimento da maturidade, como sendo elementos substanciais da fidelidade ao amor de um pelo outro. Mas no centro do casal, está a unidade sexual e esta é o quarto factor da fidelidade de um ao outro. Repito-me: a fidelidade sexual vai bem mais longe que a exclusão de relações sexuais fora do casamento. Precisamos compreender que ela é o suporte do apoio mútuo, do tratamento das feridas e do crescimento da maturidade.

A relação sexual é a linguagem do amor do corpo. Pela qualidade do prazer estático, os parceiros criam uma linguagem de amor, falam-se através dos corpos e valorizam-se mutuamente.

Em primeiro lugar, no seu prazer sexual, afirmam-se um junto do outro. Esta linguagem exprime que, para cada um, o outro é a pessoa mais importante do mundo, a quem se concede toda a própria confiança e estima. Na relação sexual, dizem-se mutuamente: «Eu te reconheço, eu te desejo, eu te estimo», e assim eles afirmam mutuamente a suas personalidades.

Em segundo lugar, no decurso da relação sexual, o homem faz com que a mulher se sinta totalmente feminina e a mulher faz com que o homem se sinta plenamente masculino, e desta forma eles confirmam mutuamente a sua identidade sexual.

Em terceiro lugar, os casais questionam-se, disputam-se e ferem-se mutuamente. Por vezes perdoamos e esquecemos rapidamente, mas outras vezes os desgosto é mais profundo e dura mais tempo. Depois de algum tempo, horas, dias, semanas, o casal reconcilia-se e une-se e assim a relação sexual torna-se uma linguagem de reconciliação.

Em quarto lugar, todos nós precisamos dar um sentido à nossa vida. Um dos momentos das nossas vidas que é mais intensamente carregado de sentido é quando o nosso cônjuge nos convida a fazer amor. É um momento que recapitula o sentido pleno da fidelidade amorosa, aquele em que nós nos sentimos desejado totalmente por nós próprios, então, a relação sexual torna-se linguagem da esperança.

Em quinto lugar, a relação sexual é uma linguagem de gratidão muito expressiva. Através desta linguagem podemos dizer ao nosso cônjuge: «Obrigado por teres estado comigo ontem por estares comigo hoje, e por estares, assim o espero, comigo amanhã».

A relação sexual é uma linguagem de vida que se repete, no sentido em que é uma confirmação de identidade pessoal, de identidade sexual, de reconciliação, de esperança pessoal, de razão de viver, de gratuidade. É uma linguagem que pode ter todos estes significados e muitos outros, que são cauçãoes mutuamente trocadas de fidelidade recíproca. Acontece mesmo que uma nova vida seja assim criada. A relação sexual é capaz, em todos os

momentos, de dar vida ao casal e, por vezes, de dar uma vida nova.

Mas o sentido da relação sexual não se reduz a isto. Há também uma dimensão espiritual. Deus é amor. Através da relação sexual que é o acto de amor verdadeiro mais plenamente concretizado, entramos na própria vida de Deus. A relação sexual é um acto que une duas pessoas por um terceiro elemento – o amor deles – e tudo isto numa unidade perfeita, e sempre mantendo distintas as pessoas. A Trindade consiste em três Pessoas unidas pelo Amor; pela relação sexual, sem qualquer dúvida, entramos na própria vida de Deus na Trindade. Por isso, a relação sexual é o acto de oração central e repetida na vida do casal. Enfim, pela relação sexual, damos-nos um ao outro e recebemos um do outro, os nossos corpos. Tudo isto recorda o banquete eucarístico no decurso do qual recebemos o Corpo de Cristo. O mundo apenas vê na relação sexual um encontro físico que culmina no sumo prazer. Olhado com os olhos da fé, a relação sexual é uma linguagem de amor pela qual os cônjuges se dão um ao outro na verdade plena dos seus seres, e, ao fazê-lo, entram na própria essência da vida de Deus, isto é, o AMOR.

No entanto, a sexualidade tem aspectos negativos. No encontro sexual, queremos que o nosso cônjuge seja totalmente nosso. Não por uma qualquer disfunção dos órgãos genitais que tenhamos que suportar, mas sim pelo facto de que o nosso cônjuge poderá estar ferido sexualmente e ter dificuldade em fazer amor. Pode acontecer que o nosso cônjuge deseje mais encontros sexuais que nós próprios, ou que o nosso cônjuge seja um fraco amante e seja insensível às nossas necessidades. Devemos estar atentos à nossa forma de perdoar ou de encontrar mudanças em matéria sexual, pois neste domínio, somos particularmente sensíveis e vulneráveis. As insinuações ou os comentários sobre a inépcia técnica do nosso cônjuge, arriscamo-nos a recusar globalmente o seu modo de se deixar amar, pois a sua personalidade integral está implicada no amor carnal. Rejeitando o aspecto físico, arriscamo-nos a rejeitar a pessoa por inteiro. Portanto, se as coisas não vão bem no domínio sexual, é preciso ser mais paciente, mais tolerante e mostrar como

as coisas podem melhorar-se, sem jamais reduzir a capacidade de amor do cônjuge.

No domínio sexual da sexualidade, precisamos ter em consideração aquilo – por si só – é o aspecto mais importante da infidelidade conjugal – o adultério. Como puderam observar de tudo o que já vos disse, a infidelidade é mais do que adultério.

A infidelidade é desviar a nossa disponibilidade pessoal do nosso cônjuge para uma terceira pessoa. Mas todos os adultérios são diferentes. Baseando-me na minha experiência médica, dividi o adultério em três categorias:

Primeiro, há a experiência de uma noite; isto aplica-se geralmente ao cônjuge ausente por um curto período, em negócios ou em férias. A explicação normal desta categoria de adultério é a solidão e a necessidade de contacto humano. Este tipo de adultério não pode ser uma ameaça para o casamento.

Depois há a ligação que dura algumas semanas ou meses mas que é de curta duração. Habitualmente o marido ou a mulher confessam-no e desaba uma discussão; nestes casos, como no anterior, a ligação não ameaça necessariamente o casamento e o perdão e a reconciliação acontecem.

Mas há a ligação que dura muito tempo, traduzindo-se num movimento para um novo envolvimento afectivo que conduz à ruptura do casamento.

Os homens e as mulheres cometem o adultério por razões diferentes. Para o homem, o adultério é na maioria dos casos provocado pela atracção sexual e é o corpo que fala. No caso da mulher, há normalmente um contexto sentimental. A mulher está insatisfeita com o seu casamento. Ela sente-se menosprezada e atenção que recebe na nova ligação restitui-lhe a confiança nela mesma. Para a mulher, normalmente, o adultério é uma questão de coração. Naturalmente, os homens e as mulheres podem inverter estes papéis.

Tradicionalmente, nos casos de adultério da mulher, o homem inquietava-se se daí pudesse resultar uma gravidez que o

obrigasse a educar uma criança que não era sua. Para a mulher a inquietude consistia nos recursos financeiros que o marido pudesse conceder a outros que não ela e à sua família. A um nível mais pessoal, o adultério é uma traição do amor; é transferir o seu amor ao cônjuge sobre uma terceira pessoa. No contexto daquilo que referi sobre o significado da relação sexual, é transferir do cônjuge sobre um outro a confirmação da personalidade. É uma perda de identidade e de amor. A ferida que mais frequentemente resulta do adultério é a perda de confiança. A segurança íntima da união está quebrada. Restaurar a confiança depois de uma ligação pode levar muito tempo, mas – em toda a sociedade – o adultério não deveria ser uma causa para a ruptura do casamento, e antes, uma ocasião para o perdão.

Não basta perdoar. Os dois cônjuges deveriam proceder a um exame das suas vidas. O cônjuge adúltero deveria perguntar-se o que procura nesta nova ligação e verificar se não o conseguiria obter no seio do seu casamento. É normal condenar o cônjuge adúltero e desculpar o cônjuge dito inocente ... mas isso não basta. O cônjuge dito inocente pode ser responsável pelo adultério – quer por acção ou por omissão – levando assim o outro a uma ligação adúltera.

O adultério é um momento para fazer o ponto da situação conjugal, do ponto de vista social, sentimental e sexual. É um sinal de alarme, e algo não está bem, quando um casamento precisa reparação ou reestruturação.

Enfim, os cristãos receiam que nos nossos dias, a liberalização sexual e a contracepção generalizada tenham contribuído para o crescimento proporcional de adultérios. Se compararmos os dados obtidos por Kinsey em épocas anteriores à nossa, não verificamos que tenham realmente aumentado a frequência de adultérios, mas é verdade que estão implicadas mais mulheres. Isto demonstra que as causas de adultério não mudaram. Para os homens, o atractivo sexual é uma tentação constante, e para as mulheres, são as carências afectivas que sempre estiveram em jogo. A lição a tirar do adultério, é que a saúde de um casamento tem constantemente

necessidade de ser examinada e que nada deveria ser considerado como indo bem, e isto é tão mais verdade numa época em que homens e mulheres se acotovelam livremente na sociedade e no trabalho fora de casa.

São estas as características positivas e negativas do amor fiel que é descrito pelo apoio mútuo, o tratamento das feridas, o crescimento da maturidade e a relação sexual, e todos nós sabemos que a nossa fidelidade em amor está longe de ser perfeita.

Termo esta conferência sobre fidelidade e perdão, reflexos da imagem de Deus, resumindo as ideias principais que já expus:

Comecei por dizer que toda a fidelidade tem a sua fonte em Deus que, no Seu Amor fiel, nos criou, estabeleceu uma Aliança conosco e quando rompemos essa Aliança, nos enviou o Seu Filho para a renovar com a Incarnação. É assim o Amor Divino. Reproduzimo-lo na nossa primeira relação íntima com os nossos pais, na qual eles nos apoiam, nos curam e nos ajudam a crescer. Na segunda relação íntima que é o Matrimônio, os cônjuges apoiam-se mutuamente, curam-se das suas feridas e entreadjudam-se para crescerem em maturidade. Assim é o amor fiel que eles selam com a relação sexual, que dá nova vida ao casal sempre que o fazem e que, por vezes, cria uma nova vida.

Este modelo de amor é evidentemente frágil e muitas vezes encalhamos na nossa fidelidade, insucesso que precisamos saber ultrapassar pelo perdão e o tratamento das feridas. Todo o modelo de amor fiel está contido nestas componentes do amor e em cada instante das nossas vidas, há um momento de expressar o nosso amor fiel ou de remediar os reveses. Jesus mandou-nos Amar a Deus e amar o próximo como a nós mesmos. Para a maioria de nós, a nossa primeira responsabilidade é amar o nosso cônjuge, criado por Deus com Amor à Sua imagem. Mas num Movimento como o vosso, deverão estar conscientes que fazem muito mais do que simplesmente desenvolver a vossa vida espiritual para vós mesmos. Vocês são o ferro da lança da Igreja que procura compreender-se e que se dá conta que o Matrimônio está no

centro da sua vida e que está no centro da evangelização do mundo de hoje. É essencial verificar que o amor entre nós, entre os cônjuges, entre os nossos filhos é a nossa vida de oração e que só o amor nos permite compreender o que realmente quer dizer «Deus é Amor». Na vida familiar quotidiana podem normalmente surgir momentos extraordinários em que o coração do homem encontra o coração de Deus. Levantar-se em cada manhã, lavar-se, vestir-se, tomar o pequeno almoço, ir trabalhar, ocupar-se dos filhos, regressar a casa, preparar as refeições, comer, beber, conversar e fazer amor, cada um destes momentos é um momento de encontrar Jesus no outro e através do outro.

Em todos os momentos, somos desafiados a fazer a experiência da presença de Deus através do amor no seio desta Igreja doméstica invocada pelo Concílio Vaticano II. É este o grande desafio de evangelização para o vosso Movimento.

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:
 - Que cada um identifique na sua vida a dois, situações de infidelidade como as descritas no tema (faltas de disponibilidade, comunicação verbal e não verbal, demonstração de afecto, felicitação e resolução de conflitos). Para ajudar podemos recorrer às perguntas formuladas no próprio texto do tema.
 - Que cada um se disponibilize para ouvir o outro e perdoar as suas faltas de lembrança e sensibilidade, e depois experimentemos a sensação de liberdade que é característica de quem perdoa e de quem é perdoado.
 - Façamos propósitos de mudança no sentido de transformarmos a nossa relação em algo mais vivido, partilhado e manifestado, e menos rotineiro.
- Em equipa:
 - Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.

- Preparemos também alguns tópicos com as partes do tema que mais nos tocaram e com as quais menos concordamos. Podemos ainda testemunhar na reunião em que medida é que o estudo do tema ajudou a perceber melhor os “segredos” da nossa relação de amor.

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Comecemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo com esta interrogação:

- “Portanto já não são dois mas um só”. Quais os aspectos do carácter de cada um que mais nos separam? E quais os que mais nos unem?

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida. Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

Vimos na reunião anterior que o pecado é um corte da nossa relação com Deus.

Hoje temos uma Boa Notícia: nós já estamos salvos. Basta aceitarmos a **Salvação**, crendo em Jesus. Porque é reconhecendo os nossos pecados e querendo ultrapassá-los que experimentamos a salvação oferecida por Cristo.

“Deus amou tanto o mundo que entregou o seu único Filho, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo.3,16-17).

Ele salva-nos: pela sua cruz salva-nos, e pela sua ressurreição dá-nos a Vida Nova (cf. Cl.2,13-14).

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Mt. 1,21; 21,32;

Lc. 19,1-10;

Jo. 1,29; 3,16-17; 16,32-33;

Act. 2,46-47; 4,11-12; 8,12; 13,38-39; 13,46-48;

I Cor. 1,18;

Cl. 2,13-14;

II Cor. 3,7-9; 7,10;

Ef. 2,7-10;

Fil. 2,12-13;

I Tes. 5,8-9;

II Tim. 2,10; 3,14-15;

Tito 2,10-12;

I Ped. 2,1-3;

Rm. 3,21-31; 6,4.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 410;
- **João Paulo II, A missão de Cristo Redentor** (Redemptoris Missio), nº 12 e 44.

Meditação

Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras, se as nossas atitudes são de quem já está salvo e como temos assumido a responsabilidade pela salvação do outro.

Oração conjugal/familiar

Em oração partilhada louvar o Senhor pelas diferentes ocasiões em que fomos um para o outro e para os que nos rodeiam portadores de salvação. Fazê-lo rotativamente ao longo do mês.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:

As sugestões apresentadas no ponto 5. (para a Escuta da **Palavra de Deus, Meditação e Oração** conjugal/ familiar) ajudaram-nos a sermos mais fiéis no cumprimento dos pontos de esforço? Porquê?

Sentimos que fizemos avanços significativos nos restantes pontos concretos de esforço?

- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:

Consegui/conseguimos ao longo do mês dar tempo e criar a disponibilidade interior necessária a uma verdadeira escuta do que é hoje a **Vontade de Deus** para o nosso projecto de vida a dois? Temos dado espaço aos que nos rodeiam para que Deus se manifeste através deles?

E nas outras atitudes, temos melhorado?

REUNIÃO VI

(5ª feira, 21 de Setembro)

Tema: **Ser Casado**

Sugestão: **Reflexão sobre a Fé**

1. Textos de meditação

«Entretanto, os pais de Sara tinham saído e fechado a porta do quarto. Tobias, então, ergueu-se do leito e disse à esposa: "Irmã, levanta-te; vamos orar para que o Senhor nos conceda a Sua misericórdia e salvação".

Levantaram-se ambos e puseram-se a orar e a implorar que lhes fosse enviada a salvação, dizendo:

"Bendito seja, Deus dos nossos Pais e bendito seja o Teu nome, por todas as gerações; louvem-Te os céus e todas as Tuas criaturas, por todos os séculos. Tu criaste Adão e deste-lhe Eva, sua esposa, como amparo valioso, e de ambos procedeu a linhagem dos homens. Com efeito, disseste: 'Não é bom que o homem esteja só; façamo-lhe uma auxiliar semelhante a ele'. Agora, Senhor, Tu bem sabes que não é com paixão depravada que agora tomo por esposa a minha irmã, mas é com intenção pura. Permite, pois, que eu e ela encontremos misericórdia, e cheguemos juntos à velhice".» (Tb.8,4-7).

«Ao terceiro dia, celebrava-se uma Boda em Caná da Galileia e a Mãe de Jesus estava lá. Jesus e os Seus discípulos também foram convidados para a Boda. Como viesse a faltar o vinho, a Mãe de Jesus disse-Lhe "Não têm vinho!". Jesus respondeu-Lhe: "Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora". Disse a Mãe aos serventes: "Fazei tudo o que Ele vos disser!".

Ora, havia ali seis talhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. Disse-lhes Jesus: "Enchei as talhas de água". Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: "Tirai agora e levai ao chefe de mesa".

E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era - se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água, chamou o noivo e disse-lhe: "Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!".

Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a Sua glória, e os discípulos creram n'Ele. Depois disto, desceu a Cafarnaum com Sua Mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.» (Jo.2,1-12).

2. Tema de estudo

Neste dia em Santiago, não houve conferência. Por essa razão resolvemos incluir para apoio ao tema de estudo a homília do Arcebispo de Santiago de Compostela, da qual chamamos a atenção para a passagem assinalada (a cheio).

No início da celebração (Missa de aniversário do matrimónio) era afirmado solenemente:

“A nossa comunidade é formada por casais que, um dia, se uniram diante de Deus e diante dos homens pelo Sacramento do Matrimónio. A nossa caminhada nas Equipas de Nossa Senhora procura desde sempre uma maior consciência deste grande dom da presença de Cristo na nossa união e no nosso Encontro Internacional, e isso deve ser feito de uma forma ainda mais visível. Hoje, vamos refazer esse caminho e colocarmo-nos no momento solene da nossa promessa.

Queremo-nos unidos, pois foi Deus que nos uniu e por isso queremos dar um testemunho de gratidão e de alegria perante todo o mundo.

Durante esta Eucaristia desejamos, mais uma vez, prometermo-nos publicamente toda a nossa fidelidade e todo o nosso amor.”

Homília do Arcebispo de Santiago de Compostela

Esta Igreja Particular oferece-vos o seu acolhimento, alegra-se vivamente com a vossa presença e agradece-vos o testemunho da vossa Fé vivida no amor do Matrimónio cristão. Benvindos à Cidade do Apóstolo que nestes dias, e de uma forma muito especial, quer ser uma grande casa para acolher as batidas do coração, cheio de vida, da Família cristã que vós representais. Nós também adoptamos a Oração de Tobias: *”Bendito sejas, Deus dos nossos pais, e bendito seja o teu nome, por todas as gerações; louvem-te os céus e todas as tuas criaturas, por todos os séculos. Tu criaste Adão e deste-lhe Eva, sua esposa, como amparo valioso, e de ambos procedeu a linhagem dos homens”* (Tb.8,5-6).

«Esta atitude de oração coloca-nos sobre o horizonte aberto da comunicação conjugal» pela qual o homem e a mulher se entregam e se aceitam mutuamente. (Gn.48). Sem esta doação mútua e sincera, definitiva e sem reserva, o Matrimónio seria uma realidade oca. «Toda a vida do Matrimónio é uma doação, mas esse dom torna-se singularmente evidente quando os esposos, oferecendo-se mutuamente no amor, realizam o encontro que faz dos dois **“uma só carne”**» (Gen.2,24) [João Paulo II, Carta às Famílias, 12].

Este compromisso é o grande mistério que toca São Paulo (Ef.5,32) e cujo consentimento se concretiza no amor, na fidelidade, na honra, na indissolubilidade até à morte, pois que o compromisso é «para todos os dias da vida». É o bem comum do casal que se torna, também, no bem dos seus filhos. «A paternidade e a maternidade representam *uma tarefa de natureza conjuntamente física e espiritual*; porque a genealogia da pessoa, que tem o seu começo eterno em Deus e a Ele deve conduzir, para por elas» [João Paulo II, Carta às Famílias, 10].

Portanto a família torna-se o centro e o coração da civilização do amor que se opõe ao egoísmo em todas as suas formas, ao individualismo e ao «**amor livre**» que explora as fraquezas humana, conferindo-lhes certa respeitabilidade com a ajuda da sedução e com o favor da opinião pública. Procura-se assim **“tranquilizar”** a consciência, criando um **“alibi moral”**. Mas não se tomam em consideração todas as consequências que daí derivam, especialmente quando a pagá-las são, para além do casal, os filhos, privados do pai ou da mãe e condenados a serem, de facto, órfãos de pais vivos» [João Paulo II, Carta às Famílias, 14].

Na passagem do Livro de Tobias apercebemo-nos que da união sacramental do homem e da mulher deve surgir uma união de oração, de louvor, de prece e acção de graças, oração em que o casal tem tantas coisas a dizer a Deus a aos homens. «Na oração, a família reencontra-se como o primeiro **“nós”**, no qual cada um é **“eu”** e **“tu”**; cada um é para o outro respectivamente marido ou mulher, pai ou mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, avô ou avó» [João Paulo II, Carta às Famílias, 10].

No Matrimónio celebrado em Caná da Galileia, Jesus – com a Sua presença – apresenta-Se aos nossos olhos como o «arauto da verdade divina sobre o matrimónio». É em Caná que Ele transforma a água em vinho. Qualquer Sacramento é uma possibilidade de reencontro com Deus. O Sacramento do Matrimónio fala-nos do Amor de Deus por nós e diz-nos também que este Amor incute a Sua presença amorosa naquele que recebe o Sacramento. Assim o homem e a mulher são – um para o outro – uma possibilidade de reencontro com o Amor de Deus. Só se poderá compreender bem o amor conjugal se se submergir na maravilhosa profundidade de amor que é a vida comum de Deus Trinitário.

«O mesmo Deus é o autor do Matrimónio ao qual Ele doou vários benefícios e objectivos e tudo isto é muito importante para a continuidade do género humano, para proveito pessoa e o destino eterno de todos os membros da família, para a dignidade, a

estabilidade, a paz e a felicidade da própria família e de toda a sociedade humana» (Gn 48).

O Matrimónio cristão assenta as suas raízes na própria vontade do Criador: «Não é simplesmente um contrato que está em relação com uma fidelidade recíproca. É Deus que de uma forma muito pessoal realiza este mistério de união dando-lhe uma segurança diante os perigos do desabamento. É a principal característica do Matrimónio Cristão. É a união em Deus e por Deus» [A Família, dom e compromisso, Esperança da Humanidade].

Deus não está ausente deste caminho. Isto não quer dizer que não existam quaisquer problemas, mas sentimos a Sua Presença como uma força, como um encorajamento, como um estímulo para continuar. O Matrimónio cristão é o sinal do Amor de Cristo pela Sua Igreja. O consentimento dos esposos não pode estar desligado da adesão a Cristo. Tal como Cristo se entrega à Sua Igreja, também cada cônjuge se deve entregar um ao outro.

«Também nós convidamos Jesus e os Seus Apóstolos para o Casamento». Recordemos o que se passou: o que para os noivos deveria ter sido uma bela recordação para toda a vida, esteja a ponto de se tornar uma humilhação – *“não havia mais vinho”*. A presença de Jesus protegeu a alegria e eles puderam continua a festa.

O Matrimónio começa com todo o entusiasmo e alegria como uma consequência do amor mútuo, mas, com os passar dos tempos, esse amor pode enfraquecer. «A rotina é a corrupção que destrói os nossos sentimentos». A insensibilidade e a desilusão dolorosa são como a nuvem que esconde o sol do amor que deveria iluminar a vida do casal, que se toda mais ou menos uma grande talha cheia de água. Muitas vezes procura-se crescer partindo do exterior para o interior, sendo que o Matrimónio deve crescer de dentro para fora e sabendo que deixa o seu mais importante cunho na alma dos filhos. «Depois de desfolhar todas as pétalas, apenas sobra uma flor murcha».

A solução é convidar Cristo para que Ele transforme as rotinas em amor profundo, duradouro, compreensivo, capaz de perdoar

sempre, um amor cristão construído com o dom de si mesmo, sem reservas, com a aceitação do outro, sem esperar que a minha vontade se cumpra, com a gratidão simples e humilde daquele que pensa em tudo aquilo que o outro fez por mim; um amor que sabe alegrar-se com o outro sem fazer desse amor um instrumento ou um escravo e que sabe suportar perder a beleza ou a simples atração física. O Matrimónio é uma vocação que vem de Deus e que só n'Ele encontra a sua normalidade e a sua força.

Vivei, queridos irmãos e irmãs, o vosso Matrimónio na felicidade, pois há mais alegria em dar que em receber. Jesus disse-nos: *“Tomai sobre vós o meu jugo ”* (Mt.11,29). Cônjuge significa duas pessoas que estão sob o mesmo jugo. Que este jugo seja o de Cristo, o da Sua Palavra e o do Seu Amor pois assim será mais fácil e doce.

Para terminar digo-vos as palavras de Tertuliano “Quem poderá descrever a felicidade do Matrimónio que a Igreja consagra, a Eucaristia confirma, a Bênção carimba, os Anjos aclamam e o Pai aceita? Como é bom o jugo que une dois fiéis que têm uma mesma esperança, um mesmo desejo, uma mesma regra de vida, uma mesma vontade de serviço. Unidos na Igreja de Deus, unidos diante da Mesa do Senhor, unidos nas dificuldades e nas perseguições e na paz. Nada se esconde do outro, nada se esquivava do outro, nada é pesado para o outro ... Cristo ao ver tudo isto alegra-se e concede-lhes a Sua Paz. Onde quer que eles estejam, Deus aí estará, e onde Deus está não está o maligno” (Ad uxorem II,6-9)

Como é diferente esta visão da realidade de tantos cônjuges que perderam a sua confiança no Matrimónio e que vivem o divórcio nos seus corações. É a eles que é preciso dizer: Deus é fiel e esta é a nossa garantia. A graça do Sacramento do Matrimónio nunca lhes irá faltar.

Como o Apóstolo, acolhei Maria nas vossas casas. Ela estará sempre atenta às vossas necessidades para informar o Seu Filho do que vos falta e para vos dizer: “Fazei tudo o que Ele vos mandar”. Colocai-vos nas mãos do Apóstolo São Tiago e nas

mãos da Virgem Maria. A Nossa Senhora das Equipas de casais, eu peço nesta Eucaristia, Sacramento da nova e eterna aliança que o Senhor olhe e abençoe todos os casais cristãos, para que eles renovem constantemente a aliança de amor entre os esposos que peregrinam para a Casa de Deus, nosso Pai. AMEN !

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:

Somos Casados.

- Aproveitemos pois este mês para uma reflexão sobre “Ser Casado” à luz do texto. Basedos na nossa própria experiência, procuremos, neste mês, encontrar formas para reafirmarmos um ao outro toda a nossa fidelidade activa e todo o nosso amor alimentado e criativo.
- Das três preocupações em relação ao outro que amamos: querer o seu bem; valorizá-lo com palavras de estima; encorajá-lo a ir mais além, quais as que mais pomos em prática? Que propósitos podemos estabelecer que nos ajudem a estarmos mais atentos a estas três formas de alimentarmos o nosso amor?

- Em equipa:

- Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.
- Diálogo em equipa sobre o que de mais interessante encontramos neste texto. Identificamo-nos com o que é afirmado?
- Quais as formas que usamos para vencer a rotina, para sentirmos que “Somos Casados!”? Que ajuda, ideias e sugestões podemos dar uns aos outros?

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Começemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando

um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Para iniciarmos o diálogo:

- Hoje temos uma nova proposta:

Como sabemos, os sentimentos não são nem bons nem maus. São apenas isso mesmo, estados de espírito criados por nós, como resultado de emoções provocadas por estímulos externos (cf. O Sentimento de Si, de António Damásio). Não temos culpa de nos sentirmos assim, nem podemos culpar o outro que apenas os estimulou, muitas vezes sem sequer saber a perturbação que isso causou em nós.

- Propomos então que cada um identifique um sentimento negativo despoletado por uma atitude do outro. É muito importante aceitarmos esta proposta respeitando as suas regras: não se sentir culpado nem culpar o outro.

- Em clima de diálogo tentemos descrever ao outro a forma como nos sentimos nas situações como as identificadas. Não basta dizer que “fico triste” ou “fico com medo”, uma vez que, para o outro, estes rótulos podem ter, e normalmente têm, um significado diferente. Tentemos explicar **como** é que estamos tristes. Com que intensidade. Até ao ponto de chorar sózinho? (o outro pode também formular perguntas para ajudar à compreensão). É importante tentarmos dar o maior número de informações possível para que o outro nos possa conhecer melhor.

- Prossigamos agora o Dever-de-se-sentar como habitualmente, falando das restantes áreas da nossa vida (Não nos devemos ficar pelo diálogo de sentimentos. Mas também é necessário conhecermos bem como se sente o outro, para o podermos conhecer de forma mais completa).

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança.

É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida.

Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

Aceitar e reconhecer Cristo como Salvador é um acto de **Fé**.

“Foi por amor que vocês foram salvos, mediante a Fé.” (Ef 2, 8).

A Fé é a certeza de que Deus vai agir conforme as promessas de Cristo. Portanto a Fé não é crer em algo mas em Alguém, em Jesus Cristo. É a certeza de que só Jesus salva e mais ninguém.

“Se com os teus lábios confessas que Jesus é o Senhor e no teu coração acreditas que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Temos fé dentro de nós e entramos na amizade com Deus. Afirmamos Jesus com os nossos lábios e somos salvos” (cf. Rm.10,9-10).

A Fé é um Dom de Deus que acolhemos, é um “sim” a Deus que necessita de renovação todos os dias. É proposta de Deus, não é imposição. Mas necessita de ser acolhida e cultivada, para não definhir (cf. Tg.2,14).

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Mt. 9,20-22; 17,19-20; 21,21-22;

Mc. 2,1-5; 5,31-34; 6,6; 10,47-52; 11,21-24; 16,16-17;

Lc. 5,18-20; 7,48-50; 8,46-48; 22,31-34;

Act. 10,43; 19,18; 22,16;

Rm. 3,27-29; 4,5; 4,19-21; 5,2; 10,10; 10,17; 12,3-4; 14,19;

I Cor. 2,4-5; 4,15-16; 13,2; 14,4; 15,1-2;

Gal. 2,16; 2,20; 3,13-14;

I Tim. 1,5; 3,14-16; 4,8; 5,7.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 153-159;
- **João Paulo II, A missão de Cristo Redentor** (Redemptoris Missio), nº 13;
- **Catequese de Adultos**, Patriarcado de Lisboa, Paulinas, Capítulo 8.

Meditação

Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras, sobre a maravilha do Dom da Fé que nos foi concedido e de que formas temos sido activos no seu acolhimento.

Oração conjugal/familiar

Para que cada um faça rotativamente em cada dia a sua oração partilhada:

- Pedir a Deus que nos ajude a dar testemunho d' Ele com toda a confiança, uma vez que temos o Dom da Fé.
- Agradecer a Fé que nos foi dada e o facto de termos acolhido este Dom.
- Rezar o credo meditando, frase a frase, naquilo em que acreditamos.
- Partilhar as formas como temos manifestado aos outros o Dom da Fé.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:
As sugestões apresentadas no ponto 4. ajudaram-nos no **Dever-de-se-sentar**?
E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as alterações que se verificaram?
- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:
Conseguí/conseguimos ao longo do mês descentramo-nos mais de nós próprios e dar espaço ao **Encontro** com o outro e à **Comunhão** com os outros? De que formas concretas?
E nas outras atitudes, que evoluções podemos registar?

REUNIÃO VII

(6ª feira, 22 de Setembro)

Tema: **Ministério Conjugal**

Sugestão: **Reflexão sobre a Conversão**

1. Texto de meditação

«Ao amanhecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam, com medo das autoridades judaicas, veio Jesus, pôs-Se no meio deles e disse-lhes:

“A Paz esteja convosco!”.

Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o peito. Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor. E Ele voltou a dizer-lhes: “A Paz esteja convosco! Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”.

Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes:

”Recebi o Espírito Santo. àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos”.» (Jo.20,19-23).

2. Tema de estudo

Neste dia em Santiago houve uma conferência com o título “O Nó de Tês Fios”, proferida por Xavier Lacroix. Para apoio ao tema de estudo optámos pela homília de Monsenhor Bettazzi, que aborda o tema do dia - **Ministério Conjugal**.

No início da celebração (Missa de aniversário do matrimónio) era afirmado solenemente:

“Jesus está no meio de nós. Foi Ele que nos uniu como casais e como membros das Equipas de Nossa Senhora. Ele é o nosso suporte, a nossa força, a nossa esperança. Sabemos que Ele está connosco e sentimos a Sua presença”.

Homília de Monsenhor Bettazzi

Hoje, a Palavra de Deus mostra-nos Jesus que anuncia o Evangelho «a excelente mensagem do Reino de Deus», isto significa que Ele representa o mundo como Deus quer: uma humanidade consciente de ser amada por Deus e portanto comprometida pelo amor aos irmãos. É significativo que Jesus seja acompanhado não apenas pelos Seus discípulos mas também por mulheres. O Evangelista parece pretender justificar a presença das mulheres dizendo que algumas «tinham sido curadas da presença de espíritos maus e de enfermidades» e muitas outras as ajudavam com os seus haveres. É importante focalizar o espírito fraterno da partilha dos bens, que Lucas citará nos Actos dos Apóstolos como apanágio da Igreja primitiva, mas é ainda mais importante notar que **a primeira comunidade de Jesus era composta não só pelos discípulos, por homens** (alguns eram casados), **mas também por mulheres**. Quando Deus criou o homem à Sua imagem e à Sua semelhança Ele não se identificou no homem, pois *“Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher Deus os criou”* (Gn.2,21) ; a imagem de Deus é a pessoa aberta ao outro, tanto mais que Deus Se revelou Único e simultaneamente Trinitário numa relação totalmente recíproca.

A Palavra de Deus continuará a apresentar a mulher como complemento do homem, a tal ponto que o homem a saúda como «carne da minha carne, ossos dos meus ossos» e terminará com **«os dois serão uma só carne»** (Gn.20,24).

O Matrimónio e a Família tornam-se assim quase o protótipo do mundo que Deus pensou com pessoas que mutuamente se dão umas às outras, como os esposos e que se dedicam aos

outros desinteressadamente como o fazem os pais com os seus próprios filhos.

O dom dos esposos, representado pelo Sacramento que unido de uma forma especial a Cristo Ressuscitado e acolhe uma efusão específica do Espírito Santo permitindo viver eficazmente este amor completo, **deve ser alimentado pela Oração**, feita em conjunto, conquistada e aprofundada quotidianamente com perseverança. Com vista à dimensão universal do amor **a doação dos esposos não se deve fechar** em si mesmos: **a chama morre se for coberta**. É preciso que esta experiência de amor que se manifesta e cresce no casal e na família **se abra continuamente aos outros com o exemplo e com a palavra**; que se abra com **a atenção e a ajuda** aos outros que estão em dificuldades e têm necessidades, quer seja no plano espiritual quer seja no plano material, **em todos os diversos problemas** da vida pessoal e social; que se abra ainda à comunidade cristã, consciente de que **os cristão adultos**, que como nós dão a confirmação, não podem viver passivamente, como beneficiários da actividade da hierarquia, mas **são** membros activos da Igreja, **chamados a serem os protagonistas**, as **testemunhas** do Evangelho na História [função profética], **santificadores** da realidade na qual vivem [função sacerdotal] e **portadores da fraternidade e da paz** [função real]. A falta de um Padre tem o lado positivo de **estimular** os cristãos, ou melhor **as famílias cristãs a assumirem as suas responsabilidade na Igreja e no Mundo**.

Penso que a leitura do evangelho, que nos fala da Ressurreição de Cristo, nos ajuda a completar esta meditação. Com efeito a Ressurreição de Jesus Cristo é antes de tudo a base da nossa Fé, a confirmação da Sua Divindade, dando assim plena autoridade às Suas palavras, real eficácia à Redenção da humanidade sobre o pecado: a Sua vida e a Sua morte demonstraram que Ele era verdadeiramente Homem e a Sua Ressurreição que Ele era verdadeiramente Deus.

A Ressurreição permite o começo de uma nova humanidade que pode ressuscitar; se nós nos ligamos a Jesus pelo Baptismo com a água ou o sangue dos mártires ou ainda com o desejo, mesmo implícito, nós entramos numa humanidade transfigurada, que é aquela que se revelará no além, mas que já se encontra aqui e que age nas dimensões terrestres. Cada momento da nossa vida é já sobrenatural, cada situação e cada acção, mesmo as mais banais ou aquelas que humanamente podem falhar, têm um imenso valor de elevação pessoal e de ajuda à elevação da humanidade inteira. **Se tudo isto é o sentido profundo da Esperança Cristã podemos afirmar que a Ressurreição de Cristo é a raiz profunda da nossa Esperança.**

Assim a fonte da Caridade que age em nós pela acção do Espírito Santo, é nos transmitida pelo Cristo Ressuscitado; não é por acaso que o dia de Páscoa, no momento da aparição aos discípulos, Jesus dá o Espírito Santo, que São João afirma brotar de Cristo no mesmo instante da Sua morte e nesse instante o mundo novo começa *“Jesus, inclinando a cabeça, entregou o Espírito”* (Jo.19,30) .

Se podemos viver a caridade, não no sentido vulgar da esmola (fazer caridade) mas na **caridade plena de doação onde nós nos damos por inteiro**, devemos-lo ao Espírito Santo (Dom do Altíssimo) libertado por Cristo Ressuscitado. **A vida matrimonial**, que é o dom recíproco e total de duas pessoas, em todos os seus momentos como a doação dos corpos, a doação cultural e espiritual, **provem portanto de Cristo Ressuscitado**, do mesmo modo nasce d’Ele a **dedicação aos filhos, a partilha com o nosso próximo**, sobretudo com aquele que tem mais necessidade e que mais sofre, bem como **o compromisso concreto com vista à solidariedade e à paz.**

São algumas das reflexões que iluminam esta Eucaristia, uma Eucaristia Jubilar, que nos recordam os valores fundamentais estimulados pelo Jubileu, Ano da Fé, como a Palavra o lembrava já

no Jubileu Hebraico, Ano de Esperança na união à indulgência de Jesus que salva e ensina cada momento das nossas vidas, Ano de Caridade, de perdão, de solidariedade com todos aqueles que estão na indigência e na solidão, no sofrimento e na marginalização.

Como diz o Concílio, ajudemo-nos mutuamente a viver cada Eucaristia como o momento mais importante e fonte de inspiração e de força da nossa vida cristã, portanto da nossa vida de casal e da nossa vida de família.

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:

Em Igreja, Ser Casado implica uma missão específica, um ministério, o **ministério conjugal**: À imagem de Deus Trinitário, o nosso amor humano não pode deixar de frutificar, de **ser fecundo**.

Tomemos consciência desta nossa especificidade, ao mesmo tempo tão óbvia e pouco percebida, que se manifesta e exerce em primeiro lugar na família. Aproveitemos pois este mês para uma reflexão sobre este autêntico desafio que nos é colocado.

- De que formas concretas estamos a assumir este desafio, dentro da nossa família? Como vai a construção da nossa Igreja doméstica? Será que podemos ir mais além? Como?
- Como diz Monsenhor Bettazzi, “a doação dos esposos não se deve fechar em si mesmos: a chama morre se for coberta. **É preciso que esta experiência de amor** que se manifesta e exerce no casal e na família **se abra continuamente aos outros**”. Tínhamos consciência que somos chamados a dar testemunho do nosso amor aos outros? Que formas concretas temos adoptado ou podemos adoptar para tal? E como temos praticado o nosso dever de hospitalidade, de acolhimento aos outros? Será que podemos ir mais além? Como?

- Em equipa:
 - Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.
 - Quais as formas que usamos em equipa para aumentar em nós esta consciência de que somos chamados por Cristo a exercermos esta nossa missão específica? Como tem funcionado a entreaajuda neste aspecto e como podemos melhorá-la?

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Comecemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo com estas interrogações:

- “A Paz esteja convosco”. Como te tenho transmitido a ti esta Paz de Cristo?
- “Mostrou-lhes as mãos e o peito”. Tenho sido capaz de te mostrar as minhas feridas?

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida. Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

A Fé concretiza-se e manifesta-se na **Conversão** (cf. Mc.1,15). A Fé sem obras de nada vale (cf. Tg.2,20).

A Conversão “determina um processo dinâmico”, permanente, que se prolonga por toda a existência, exigindo uma passagem contínua da “vida segundo a carne” à “vida segundo o Espírito”. Não podemos pregar a conversão, se nós mesmos não nos convertermos todos os dias (Cf. enc. RM, nº46-47).

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Joel 2,13;

Mc. 1,14-15;

Mt. 4,17;

Jo. 3,5; 6,44-45;

Act. 2,37-38; 3,19; 8,12; 11,21-24;

Rm. 11,12; 12,1-8;

I Cor. 9,19-22;

Ef. 4,24;

II Tim. 3,10-12;

Tg. 2,14-26.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 1422-1429;
- **João Paulo II, A missão de Cristo Redentor** (Redemptoris Missio), nº 46-47.

Meditação

- Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras, situações concretas de **conversão** na nossa vida.

Recordemos:

- a história e a evolução da nossa conversão;
- as mudanças que fizemos na nossa vida que nos permitiram chegar mais perto de Deus.

Meditemos sobre as rupturas que devemos fazer para podermos ser mais fiéis ao evangelho.

Oração conjugal/familiar

Para que cada um faça rotativamente em cada dia a sua oração partilhada:

- Agradecer a Deus a conversão de vida, a mudança que se tem operado nas nossas vidas.
- Agradecer as alegrias que a conversão me tem proporcionado e que me animam a prosseguir.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:

Tenho mudado mensalmente de **Regra-de-vida**? Tenho atingido os propósitos fixados?

E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as melhorias que surgiram?

- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:

De que modo os pontos concretos de esforço nos ajudaram a aprofundar, com **Verdade**, o conhecimento mais profundo um do outro?

E nas outras atitudes, quais as evoluções mais assinaláveis?

REUNIÃO VIII

(Sábado, 23 de Setembro)

Tema: **O Casal Cristão, Hoje, na Igreja e no Mundo**

Sugestão: **Reflexão sobre Jesus, O Senhor**

1. Texto de meditação

«Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes “Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”.» (Mt.28,18-29).

2. Tema de estudo

Neste dia em Santiago voltou a não haver conferência, já que era o último dia. Para apoio ao tema de estudo incluímos pois a homília de D. Aloysio Penna.

Homília de D. Aloysio José Leal Penna, sj (Bispo de Bauru, Responsável pela Pastoral Familiar no Brasil)

Estimados casais das Equipas de Nossa Senhora,

Nesta última Eucaristia do Encontro Internacional das ENS somos convidados a meditar no tema deste dia «**SER CASAL CRISTÃO HOJE NA IGREJA E NO MUNDO**» no contexto do tema geral do Encontro «**O CASAL IMAGEM DE DEUS TRINITÁRIO**». Fomos reabastecidos nestes dias com orações, reflexões que nos encheram de «ardor missionário» para sermos enviados, mais uma vez, a cumprir a

missão, que recebemos no Baptismo, de vivermos e levarmos o Evangelho ao Mundo de hoje.

As duas leituras escolhidas para esta Eucaristia apontam-nos caminhos e convocam-nos para a missão.

O Apóstolo Paulo, no trecho da Carta aos Romanos, lido na primeira leitura, mexe com o nosso brio. Chama-nos fortes porque recebemos a graça do Evangelho e, assim, temos mais responsabilidade na vivência e na propagação da mensagem de Jesus Cristo. Não devemos procurar a nossa própria satisfação, mas devemos ajudar os mais fracos com o nosso exemplo. São Paulo pede-nos que mantenhamos a Esperança através da perseverança e da consolação ensinadas nas Sagradas Escrituras. Diz o Apóstolo que devemos glorificar a Deus na procura da comunhão «tendo um só coração e uma só voz». São Paulo ensina-nos ainda a não conservarmos egoisticamente a Esperança, mas antes a transbordá-la pela alegria e pela paz que a Fé nos proporciona. Somos, pois, chamados e enviados a transbordar a nossa Fé e a nossa Esperança ao mundo.

No Evangelho de São Mateus ouvimos o envio explícito de Cristo de multiplicarmos pelo mundo os seus discípulos e o envio para a todos baptizarmos em nome da Trindade. Fomos enviados por Cristo que tem todo o poder recebido do Pai. Pelo Baptismo todo o cristão assume o compromisso de a todos ensinar a cumprir o que Cristo nos mandou. Temos a garantia da presença do Mestre: ***“Estarei convosco até à consumação do mundo”***.

Como poderemos ser, hoje, discípulos de Cristo, comprometidos com o Baptismo que recebemos? No contexto deste Encontro Internacional poderíamos responder «Sendo Imagem de Deus Trinitário», vivendo a nossa espiritualidade pessoal, conjugal, familiar e social. «Sendo, hoje, casal cristão na Igreja e no Mundo» como nos pede o tema deste dia.

Gostaria de destacar duas condições essenciais para sermos imagem de Deus Trinitário: o AMOR DOAÇÃO e a INTERCOMUNICAÇÃO DE DONS. A Trindade é comunhão. «*No princípio está a comunhão dos Três, não a solidão de um*» afirma um Teólogo. Um Deus **fundamentalmente só** é o Deus de outras religiões monoteístas e não o Deus dos cristãos. «*A Trindade é comunhão entre vários, a riqueza da diversidade, a união como expressão da entrega e doação de uma Pessoa Divina a outra*» continua o mesmo Teólogo.

Ser imagem de Deus Trinitário é o desafio para o Casal, a Família e a Comunidade Cristã. O Amor Trinitário não é o amor entre duas pessoas mas entre três. «*Seria contraditório, comenta um outro Teólogo, conceber em Deus um acto de amor solitário e um acto de amor recíproco: o único acto é o amor de cada pessoa por si e pelas outras duas*». O filósofo francês Maurice Blondel exprime com profundidade este pensamento: «*O Deus solitário dos judeus e dos filósofos oferece maiores dificuldades à inteligência do que Trindade cristã, porquanto um Deus subsistindo em uma só pessoa dá a impressão de ser dominado por um egoísmo solitário e uma divindade que só subsistisse em duas pessoas poderia ser considerado como de um egoísmo a dois. Só Deus Trino, continua Blondel, satisfaz a inteligência*»

Assim, Deus é - em si por si - um intercâmbio, uma circulação de amor, ou, como diz o Catecismo Católico, um comércio de amor “**amoris commercium**” entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É o que os Teólogos exprimem com a palavra grega **perocórese**, o intercâmbio de amor entre as pessoas da Trindade.

Ser imagem do Amor Trinitário é viver uma vida de comunhão, contrário ao egoísmo, ao individualismo, ao exacerbado subjectivismo da cultura pós-moderna, uma das principais causas da desagregação familiar.

A mais perfeita imagem de Deus Trinitário é o Casal, a Família de Nazaré. Jesus, Maria e José viveram a comunhão perfeita, o amor

total, o intercâmbio perfeito de dons. A Sagrada Família é, por isso, o grande modelo da Família Cristã.

No livrinho das Equipas de Nossa Senhora, «O SEGUNDO FÔLEGO» há uma frase que resume bem o que deve ser O CASAL CRISTÃO HOJE NA IGREJA E NO MUNDO. Diz o texto das ENS: *“Hoje, não será exagerado pensar que a nova evangelização das realidades terrenas terá credibilidade sobretudo graças a este sinal de amor, que possui um grande poder de irradiação e de testemunho: o amor conjugal, o amor da família, o amor vivido em pequenas comunidades cristãs. Este é o serviço, esta é a missão que a Igreja pede insistente e urgentemente às ENS”*.

Para terminar, gostaria de chamar a vossa atenção para duas virtudes que, na minha experiência de 30 anos de Pastoral Familiar, considero básicas para a espiritualidade conjugal e familiar, no mundo de hoje. Refiro-me às virtudes da SOBRIEDADE e da SOLIDARIEDADE diante do consumismo descontrolado da sociedade moderna. Os casais têm que se educar e educar os seus filhos para uma vida sóbria sem escravidão, sem limites, do consumismo do estatuto social ... O consumismo destrói a vida de amor e de comunhão. O Amor Trinitário, imagem do amor conjugal é amor doação, renúncia, desprendimento, amor **ágape**, amor altruísta, amor comunicação de bens.

A virtude da sobriedade é a base de outra virtude a que me referi: a SOLIDARIEDADE. O Santo Padre João Paulo II repete sempre que o mundo deve procurar não só a globalização na economia, mas também, e, principalmente, na solidariedade. Vivemos num mundo de profundas desigualdades entre nações, e, entre os diversos extractos de uma mesma sociedade, tanto do primeiro como do terceiro mundo. O mundo querido por Jesus Cristo é um mundo de justiça, de fraternidade, de solidariedade. Jesus resumiu a Sua vida nesta frase lapidar: **“Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância”** (Jo.10,10).

O Projecto do Reino de Cristo postula vida para todos e não apenas para uma pequena parte da humanidade. O Projecto do Reino de Cristo não promete só a vida material, o bem estar social, mas a «vida em abundância» que abrange o material, o cultural, o espiritual, o homem todo, integralmente.

O casal cristão hoje, na Igreja e no Mundo deve dar testemunho de sobriedade e solidariedade. Estas duas virtudes reflectem o amor doação, o intercâmbio de dons que existe entre as Pessoas da Trindade. É difícil ser sóbrio e solidário na Igreja e no mundo de hoje.

Queridos casais das Equipas de Nossa Senhora, Cristo envia-vos ao mundo moderno, onde viveis, para «vos fazer Seus discípulos» sendo imagem de Deus Trinitário, no amor doação, no amor comunhão a vossa responsabilidade é maior. São Paulo, como ouvimos na primeira leitura, chama-nos fortes. Sim, seremos fortes se, com o auxílio de Deus e a protecção de Nossa Senhora, vivermos a Fé, a Esperança e o Amor que recebemos de Deus e que devemos transmitir a todos os nossos irmãos que não receberam a graça do Evangelho.

Ide e testemunhai os valores do Evangelho nas vossas Famílias, comunidades e na sociedade em que viveis. A espiritualidade e metodologia pastoral das ENS são muito bonitas e eficazes e produzirão sempre maiores frutos se foram realmente praticadas e vividas.

Que Maria Santíssima, a Estrela da Nova Evangelização, o modelo e a protectora das ENS, vos acompanhe na missão de ajudardes a evangelizar o mundo sendo «CASAIS CRISTÃOS, HOJE, NA IGREJA E NO MUNDO» e «À IMAGEM DE DEUS TRINITÁRIO»

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:
 - Já tínhamos consciência de que o casal é a mais perfeita imagem de Deus Trinitário, conforme refere D. Aloysio? Das características da Trindade, comunhão entre vários, riqueza na diversidade e doação/entrega, que também nos caracterizam a nós como casal, qual mais sentimos necessidade de melhorar? Com qual mais nos reconhecemos?
 - D. Aloysio defende que devemos ser casais cristãos, hoje, na Igreja e no Mundo, à imagem de Deus Trinitário. Assim sendo, sentimo-nos responsáveis por levar aos outros o nosso testemunho de comunhão, de riqueza da diversidade e de doação/entrega? De que formas?
- Em equipa:
 - Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.
 - A experiência de vida em comunidade que fazemos em equipa, que possui um grande poder de irradiação e de testemunho, é um sinal do amor de Deus. Sabemos aproveitar esta graça? O nosso Pôr-em-comum reflecte bem a comunidade de vida que formamos? Como é que a vida da nossa equipa é testemunho para a nossa família, para os nossos amigos e colegas de trabalho?

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Começemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo com esta interrogação:

- “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos”. Assumimos em casal esta missão? Temos presente a certeza que não estamos sós?

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida. Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

Jesus é o Senhor da nossa vida. É Ele o modelo para a nossa conversão. De facto, não é suficiente proclamar Jesus como Senhor. É imperioso que Ele seja mesmo Senhor da minha, da nossa vida (cf. Rm.10,9-10).

“Creio em um só Senhor, Jesus Cristo ...” (credo). Esta afirmação implica pois que consideremos Jesus verdadeiramente como nosso Senhor, isto é, o Senhor das nossas vidas. Há que lhe entregar tudo o que temos e somos. Concretamente reconhecer que Jesus é o Senhor consiste em lhe abrimos o nosso coração e fazermos tudo e só o que Ele quer, como Ele quer e quando Ele quer. A Mãe de Jesus também disse aos criados das bodas de Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser ...” (Jo.2, 5).

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Jo. 2,5; 21,7;

Act. 2,33-36; 10,36;

Rm. 10,9;

I Cor. 12,3;

Fil. 2,9-11.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 671-672;
- **João Paulo II, A missão de Cristo Redentor** (Redemptoris Missio), nº 10;
- **Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral: Jesus Cristo, Nosso Salvador e Senhor (1996)**;
- **Homem Amável, Deus Adorável**, Cardial Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa.

Meditação

Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo, com base nas leituras, e confrontando com as nossas atitudes, qual a importância que damos a Jesus e ao Seu evangelho na nossa vida pessoal, familiar, profissional e social. Reflectir sobre o que pensaria, diria, faria Jesus se estivesse no nosso lugar, nas diferentes situações que nos vão surgindo.

Oração conjugal/familiar

Para que cada um faça rotativamente em cada dia a sua oração partilhada:

- Pedir ao Senhor que nos ajude a segui-Lo como modelo;
- Agradecer todas as alegrias que temos tido quando, efectivamente, fazemos o que Ele nos diz;
- Louvar o Senhor pela sua presença fiel ao nosso lado.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:
As sugestões apresentadas no ponto 4. ajudaram-nos **no Dever-de-se-sentar**?
E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as metas alcançadas?
- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:
Em que circunstâncias, ao longo do mês, consegui/ conseguimos uma verdadeira escuta da **Vontade de Deus**? Como é que essa escuta ajudou à minha conversão?
E nas outras atitudes, quais as evoluções mais assinaláveis?

REUNIÃO IX

(Celebração Final)

Tema: **O Envio e as Orientações de Vida**

Sugestão: **Reflexão sobre a Efusão do Espírito Santo**

1. Texto de meditação

“Jesus envia os apóstolos

7 Jesus chamou os doze discípulos e começou a enviá-los dois a dois.⁸ Deu-lhes poder para expulsarem os espíritos maus e recomendou-lhes: "Não levem nada para o caminho, a não ser o cajado. Não levem comida, nem saco, nem dinheiro,⁹ nem muda de roupa, nem calçado, além das sandálias que tiverem nos pés."¹⁰ E disse-lhes também: "Quando entrarem numa povoação e alguém vos oferecer casa, fiquem lá até saírem dessa terra.¹¹ Se nalgum lugar as pessoas não vos receberem ou não quiserem ouvir-vos, quando saírem dessa terra, sacudam o pó das sandálias, como aviso para essa gente."

12 Então os discípulos partiram e foram pregar para que as pessoas se arrependessem e mudassem de vida." (Mc.6,7-12).

2. Tema de estudo

SER CASAL CRISTÃO HOJE NA IGREJA E NO MUNDO

Queridos amigos equipistas,

Em Santiago de Compostela, durante o nosso Nono Encontro Internacional, recebemos um convite urgente para sermos «**casais cristãos hoje na Igreja e no mundo**».

Esta prioridade para os próximos anos que são os primeiros deste novo milénio, insere-se no apelo do Papa João Paulo II na sua **Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte**: «No início do novo milénio quando se encerra o Grande Jubileu, e um novo percurso de estrada se abre para a Igreja, ressoam no nosso coração as palavras com que um dia Jesus convidou o apóstolo a **fazer-se ao largo** para a pesca: “**Duc in altum**”» (Lc.5,4) - (Novo Millennio Ineunte – João Paulo II) [NMI.1].

As Equipas de Nossa Senhora são comunidades de casais que querem viver todos os aspectos das suas vidas sob o olhar de Deus: vida pessoal, vida de casal e de família, compromisso e ministérios na Igreja e na sociedade. A nossa espiritualidade leva-nos assim a procurar uma autêntica vitalidade espiritual e humana que não pode ser assumida isoladamente.

«Porque conhecem as suas fraquezas e os limites das suas forças ..., e porque têm uma fé indefectível no poder da entre-ajuda fraterna, decidiram fazer equipa» (Carta Fundadora das Equipas de Nossa Senhora).

Fazer equipa, é portanto ousar sair de si mesmo, é abrir-se, é pôr de lado as suas opiniões preconcebidas, é deixar as suas certezas bem estabelecidas, para se aproximar dos outros e **fazer-se ao largo**.

«Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo», é partilhar com todos a Boa Nova de Jesus Cristo, de modo a ter em conta as nossas esperanças e os nossos sofrimentos sem nos subtrairmos aos apelos e às faltas que cada um possa encontrar no seu caminho.

Hoje, neste início do novo milénio, é urgente que façamos uma reflexão adulta, consciente e concreta, coerente e honesta sobre a nossa missão e sobre o nosso compromisso actual de baptizados que vivem o Sacramento do Matrimónio.

Somos chamados a ser arautos da esperança. “*Diante da Igreja abre-se um novo milénio como um vasto oceano onde aventurar-se com a ajuda de Cristo*” (Novo Millennio Ineunte – João Paulo II) [NMI.58].

A nova orientação dada às Equipas de Nossa Senhora «Ser casal cristão hoje a Igreja e no mundo» quer ser uma resposta a este apelo.

Contexto da vida actual

O mundo em que vivemos mudou; o que constituía o meio envolvente da nossa vida está em plena decomposição e, simultaneamente, em plena recomposição. Os modelos do passado já não são aceites e os modelos do presente ainda estão em construção. A natureza dos valores reconhecidos na sociedade está em constante mutação.

Conforme os países e as culturas, o homem procurou emancipar-se dos compromissos que resultam da Fé. Aqui assumindo uma nova cultura racionalista, rejeita qualquer ligação entre Deus e os homens. Ali, numa espécie de fuga antecipada, o homem naufraga num misticismo sectário. Acolá, tentando encontrar a miragem dos paraísos perdidos, abre lugar ao fanatismo ou ao fundamentalismo.

Esta falta de discernimento entre o bem e o mal não estará em parte ligada à ausência de Deus, à relativização da verdade e à recusa de uma referência à Pessoa de Jesus Cristo – Homem e Deus?

É por isso que face a estes desafios, cada um, e em primeiro lugar o cristão, é convidado a elaborar o seu próprio projecto de vida. Esta procura de sentido pode sofrer múltiplas influências, as quais devem ser bem identificadas de modo a garantir uma autêntica liberdade. É este o preço para que a pessoa humana exista plenamente num mundo onde o ter é mais importante que o ser e no qual temos mais e somos menos.

A vida cristã hoje

No final do século XX, o mundo arrastou a sociedade contemporânea para a secularização da vida e dos costumes. Progressivamente, vamos vivendo numa sociedade onde Deus não tem mais o Seu lugar. Mesmo nos países mais enraizados na Fé cristã, a religião perde cada vez mais a sua influência pública. Para alguns cristãos, este fenómeno provocou um grande pessimismo, que se traduz por uma nostalgia do passado e pelo aparecimento de diferentes formas de integrismo.

Para outros, o individualismo envolvente encerra-os na sua própria concha. São cristãos para si mesmos, o que provoca neles próprios formas diferentes de indiferença que os afasta da evangelização.

A vocação do casal cristão

Para os cristãos que querem reagir – como nós, os que somos das Equipas de Nossa Senhora –, os acontecimento de hoje são os sinais dos tempos que nos despertam para a interrogação, a reflexão, a procura e o diálogo e nos levam ao discernimento sobre a dignidade

da pessoa e sobre a vocação actual e futura do casal cristão unido pelo Sacramento do Matrimónio.

Este caminho deve levar-nos a novos compromissos de vida de modo a dar mais vitalidade à Igreja e a contribuir para a renovação da sociedade de hoje. Trata-se de fazer parte da construção da civilização do amor, prefigurando sobre esta terra o Reino dos Céus.

Logo que fazemos incidir um olhar lúcido e honesto sobre as realidades do nosso mundo, podemos constatar que tudo incita os nossos contemporâneos a viverem o dia a dia, sem se fundamentarem em referências espirituais firmes. **É por isso que é chegado o momento de nos interrogarmos sobre o alcance do Sacramento do Matrimónio** que nos uniu e sobre o ministério que nos foi confiado na nossa família, na Igreja e na sociedade.

A resposta a esta questão não nos será fornecida já pronta a acabada. Como cristãos activos, devemos ser nós mesmos a responder fazendo apelo à maturidade da nossa consciência, às nossas faculdades de discernir os elementos construtivos dos sinais dos tempos e também à nossa generosidade para vivermos concretamente na Esperança cristã; Devemos também retornar às fontes são as Escrituras e o ensinamento da Igreja, como o nosso Movimento sempre fez .

Viver na Esperança Cristã, é evangelizar o presente, é procurar na Vida de Cristo respostas claras e uma nova luz para os problemas e dúvidas do nosso tempo. Devemos redescobrir no meio da nossa fragilidade Deus presente em Jesus Cristo, que nos ama e nos dá o Seu Espírito. As Equipas de Nossa Senhora ensinam-nos a progredir na descoberta de nós mesmos, na partilha com o nosso cônjuge e nos dons que recebemos na vivência dos nossos compromissos. Somos pouco numerosos e ao aceitarmos esta realidade, somos daqueles que acreditam que a Igreja não foi instituída para ser massa ... mas para ser fermento. É este fermento que somos chamados a ser em todos os pães do mundo.

A nova orientação do Movimento das Equipas de Nossa Senhora «**Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo**» abre-se a esta perspectiva de sermos de novo «fermento e sal cheio de sabor», reflectindo em conjunto para assumirmos ou continuarmos os nossos compromissos de cristãos, adultos e responsáveis, na construção deste novo milénio.

Uma proposta

As Equipas de Nossa Senhora propõem aos equipistas do mundo inteiro um itinerário pessoal, conjugal e comunitário de interrogações e de reflexões que conduzam a uma conversão do coração para responderem às necessidades do Povo de Deus e do mundo.

A base desta reflexão foi elaborada a partir de referências obtidas **pelo trabalho de muitos casais de diferentes partes do mundo**, mas é antes de mais, pelo aprofundamento pessoal que esta reflexão poderá produzir, no dia a dia, resultados concretos na vida de cada um. **Assim, durante estes anos, convidamo-vos a alimentarem a vossa procura** com uma meditação assídua dos Evangelhos, com a reflexão a partir de artigos, livros ou conferências que abordem todos os domínios actuais das ciências humanas e a viverem em acção de graças o vosso Sacramento do Matrimónio. **A Palavra de Deus é o nosso tesouro.**

Pedimos a cada Responsável das diversas Regiões do Mundo que vos apresentasse os sinais dos tempos que correspondem à realidade da vida actual nos vossos respectivos países; quisemos assim evitar propor-vos entrar numa dinâmica de reflexão teórica demasiado afastada das realidades vividas em cada lugar.

Os três temas que foram construídos para balizar o nosso percurso apresentam-se portanto como um convite urgente a uma interrogação pessoal, em casal e em equipa **com vista a uma mudança de vida.**

Esta interrogação corresponde a uma necessidade intrínseca a todo o homem que procura conhecer e amar. É esta necessidade que incita a fazer-se ao largo, a sair de si mesmo e a prosseguir o caminho de crescimento espiritual e humano.

Convidamo-vos a abrir os vossos corações de modo a confiadamente receberem a resposta do outro, dos outros, como que deixando-se seduzir pela experiência de vida e pelo olhar daquele que é diferente de nós. Quando nos abstemos de nos interrogarmos, as referências esfumam-se e os sinais dos tempos já não são visíveis. Não hesitem em exprimir questões essenciais e novas que talvez não sejam as que são propostas. As melhores respostas não são por vezes as perguntas que nós conseguimos fazer com coragem?

A nossa reflexão será articulada a partir de três pilares:

- **A pessoa humana e o seu projecto de vida**, tendo em conta a nossa vivência passada, os Sacramentos do Baptismo e da Confirmação. Viver hoje as Bem-Aventuranças;
- **Uma reflexão sobre o casal hoje, imagem de Deus Trinitário**, convidado a visitar de novo o seu Sacramento do Matrimónio, para viver a doação, o perdão e o abandono de modo a testemunhar a nossa aliança humana, como sinal da Aliança entre Deus e os homens;
- **Uma reflexão sobre a nossa missão na Igreja e no mundo**, a fim de estarmos sempre prontos a dar conta da esperança que habita em nós, sinal e presença concreta do amor de Deus no e pelo nosso ministério conjugal e familiar, chamados a curar o que está ferido e doente, mas também a percorrer de novo com alegria o caminho para a santidade.

Para responder com generosidade a este apelo à reflexão e ao compromisso, façamos nossas três disposições de coração e de espírito: **ver mais, ouvir mais, partilhar mais.**

Concretamente, cada tema terá dois tempos, para duas ou mais reuniões:

- **1º tempo: tomar consciência da realidade** daquilo que nos envolve actualmente e descobrir como isso influencia a nossa conduta cristã;
- **2º tempo: reflectir para mudar e comprometer-se**, para descobrirmos juntos as pistas a seguir com vista a uma mudança de vida que conduza a compromissos activos e concretos.

Em cada etapa, partilhemos as nossas interrogações e decidamos as questões que juntos trataremos na reunião seguinte.

Queridos amigos, **estamos como os primeiros discípulos no dia de Pentecostes**, fechados no nosso Cenáculo mas também prontos a gritar ao mundo a Boa Nova do Evangelho. Deixemos que Cristo sobre nós o dom vivificante do Espírito e nos lance na grande aventura da evangelização.

Que Nossa Senhora, que rezava com os discípulos no Cenáculo, nos acompanhe neste caminho. Estamos consagrados a Ela e temos o Seu nome. Deixemo-nos guiar pela Sua terna afeição e Ela levar-nos-á até ao Seu Filho se soubermos escutá-La e nos deixarmos amar. Ao receber João junto à Cruz, Maria recebeu-nos como Seus filhos. **Tenhamos a sabedoria e a simplicidade das crianças de modo a sermos cada dia mais casais cristãos na Igreja e o mundo.**

Marie-Christine e Gérard de ROBERTY

Casal Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:

A nova orientação do Movimento das Equipas de Nossa Senhora «**Ser casal cristão hoje na Igreja e no mundo**» apela a sermos de novo «**fermento e sal cheio de sabor**» e a «**fazermo-nos ao largo**».

Que ecos encontram em nós estes desafios que nos levam a uma mudança de vida?

De que formas concretas iremos responder, em casal?

- Em equipa:

Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão anterior irá apresentar na reunião da equipa.

Estamos nós, em equipa, preparados para esta mudança de vida?

De que formas concretas iremos responder, em equipa?

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Comecemos o Dever-de-se-Sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguida de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo com esta interrogação:

-“Então os discípulos partiram e foram pregar para que as pessoas se arrependessem e mudassem de vida.” (Mc.6,12).

E nós, será que já partimos e mudámos de vida?

Do nosso diálogo certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-Vida. Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-Comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

“Porém, receberão o poder do **Espírito Santo** que descerá sobre vós, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos lugares mais distantes do mundo. Depois de dizer isto, foi elevado ao Céu, à vista deles, e uma nuvem encobriu-o, de modo que já não o viram mais” (Act.1,8-9).

“Quando chegou o dia da festa de Pentecostes, estavam eles todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do Céu um barulho, como o de um vento forte, que ressoou por toda a casa onde se encontravam. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se espalhavam e desciam sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes inspirava” (Act.2,1-4).

A vinda (efusão) do Espírito Santo mudou totalmente as coisas para os apóstolos. Conheceram verdadeiramente a pessoa e a missão de Jesus, bem como os Seus ensinamentos. Transformou os seus corações, tornando Jesus o centro das suas vidas. Agora têm os mesmos interesses, critérios e objectivos de Cristo. Começaram a testemunhar com palavras e obras poderosas (cf. Act.4,30-31). Corajosos no sofrimento, glorificam a Deus (cf. Act.5, 41). Assim nasce a Igreja (cf. Act.2,40-41).

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Joel 3,1;

Is. 44,3;

Ez. 11,19-20; 36,26-28;

Mt. 1,18; 3,11; 3,16-17;

Lc. 3,16; 24,49;

Jo. 6,63; 7,37-39; 14,15-31; 16,5-15;

Act. 1,8-9; 2,1-13; 2,32-35; 2,38; 10,44-48;

Rm. 8,9-17;

I Cor. 12,1-11;

Gál. 3,14;

Fil. 2,1-2;

Tito 3,4-7.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 683-747;
- **João Paulo II, A missão de Cristo Redentor** (Redemptoris Missio), nº 87 e 92;
- **Concílio Vat. II, Constituição dogmática sobre a Igreja** (Lumen Gentium), nº 4;
- **Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral: O Espírito Santo, Senhor que dá a vida (1997)**;
- **Quando Digo Espírito Santo**, Abílio Pina Ribeiro, Paulinas;
- **O Fogo do Espírito**, Cardial Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa.

Meditação

Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras e confrontando com as nossas atitudes, qual o papel do Espírito Santo na nossa conversão.

Recebemos o Espírito Santo no Baptismo. Porque não estamos cheios de entusiasmo e de ardor, como os apóstolos? Será porque abafamos a acção do Espírito no nosso coração?

Oração conjugal/familiar

Para uma maior tomada de consciência da necessidade de nos abirmos ao Espírito do Senhor, façamos este mês uma oração partilhada como habitualmente mas iniciada pela invocação do Espírito Santo (Vinde Espírito Santo ...).

Oremos para que os Seus Dons (Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor de Deus) sejam em nós derramados abundantemente.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:

Qual o efeito do **Retiro** na nossa vida espiritual? E nas outras componentes da nossa vida?

Que dificuldades enfrentámos para podermos participar no retiro e como as ultrapassámos?

E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as dificuldades que surgiram?

- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:

De que modo os pontos concretos de esforço me ajudaram a aprofundar, com **Verdade**, o conhecimento dos nossos filhos?

E nas outras atitudes, há evoluções assinaláveis?

ENCONTRO DE SANTIAGO 2000
O Casal, Imagem de Deus Trinitário

3ª Parte – Final

REUNIÃO X

(Fim do Ano)

Tema: **O Balanço do Ano**

Sugestão: **Reflexão sobre a Comunidade**

1. Texto de meditação

«Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, que era um dos chefes dos judeus. Certa noite foi ter com Jesus e disse-lhe: "Mestre, sabemos que Deus te enviou para nos ensinarem. Ninguém pode fazer as obras que tu fazes, se Deus não estiver com ele."

Jesus respondeu-lhe: "Fica sabendo que ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo." Nicodemos perguntou-lhe então: "Como é que um homem idoso pode voltar a nascer? Pode entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez?" Jesus respondeu: "Fica sabendo que só quem nascer da água e do Espírito é que pode entrar no Reino de Deus. O que nasce de pais humanos é apenas humano, o que nasce do espírito é espiritual. Não te admires por eu te dizer que todos devem nascer novamente. O vento sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes donde vem nem para onde vai. Assim acontece também com aquele que nasce do Espírito".» (Jo.3,1-8).

2. Tema de estudo

Nesta reunião o tema é o balanço do ano em equipa. No seguimento da proposta de exigência que nos colocámos logo desde o início do ano, façamos agora, uma autêntica revisão de vida. O texto que apresentamos ajuda-nos a situar esta questão, falando-nos das três fases por que deve passar.

Sobre a Revisão de Vida ... (Ver, Julgar e Agir)

“**Ver** não é meramente olhar, é predispor-se a estar atento. Ver é conhecer muito bem a situação. Para isso temos de saber olhar de vários pontos de vista, várias perspectivas, e aí a Equipa é muito importante para se ter essa visão global da situação: cada um tem uma coisa nova a acrescentar, que irá tornar mais completa a compreensão da situação.

Deste momento também faz parte perceber as circunstâncias (integrar a situação no seu contexto) e perceber os porquês, as consequências e as razões.

A grande fragilidade desta etapa reside precisamente na leitura que a Equipa faz da situação. Conhecer-la com profundidade não é fácil, mas se não for feito corre-se o risco de fazermos uma reflexão redutora, sem termos todos os dados na mesa. E esta é uma aprendizagem que se faz aos poucos, em Equipa.

No **Julgar** é o momento de percebermos de que forma cada um está envolvido na situação. É altura de confrontarmos as nossas atitudes com os valores do Evangelho e com a vida de Jesus.

Obviamente, o que se pretende não é fazermos acusações uns aos outros, julgarmos os outros, mas antes 'deixarmo-nos pôr em causa' pela Palavra do Evangelho, na confiança com os outros.

Trata-se de, olhando para nós e para a situação, perceber o que vai no sentido da verdadeira construção da Paz, da Justiça, da liberdade. Numa palavra: o que realiza o Reino, aqui e agora. Ou, pelo contrário, o que o contraria, o que atrasa a sua vinda à História.

O **Agir** deve ser a consequência do que reflectimos para trás. Agimos diminuindo a nossa incerteza, com a consciência que somos limitados e que estamos prontos a refazer, recomeçar, reavaliar”.

(in contextos nº 22, uma publicação trimestral do Movimento Católico de Estudantes)

Preparemos pois o nosso balanço em dinâmica de **revisão de vida** e no **espírito** sugerido por este extrato do Complemento à Carta:

“A vida da equipa não se reduz à reunião mensal. Durante todo o mês os membros da equipa vão rezar uns pelos outros e pelas suas intenções, a partilha e a entreatajuda vão continuar, conforme as iniciativas de cada equipa” (Complemento à CARTA).

Tópicos para o Balanço

Quanto ao Casal (para o Dever-de-se-sentar)

- Aprofundamento da Fé;
- Meios concretos de esforço ...
 - Escuta da Palavra de Deus;
 - Meditação (oração individual);
 - Oração conjugal/familiar;
 - Dever-de-se-sentar;
 - Regra-de-vida;
 - Retiro anual;
- ... e mudança de atitudes:
 - Procurar a Vontade de Deus;
 - Descobrir a Verdade sobre si próprios;
 - Viver o Encontro e a Comunhão;
- Estudo do Tema e presença à reunião;
- Oração das Equipas (Magnificat);
- Missa Semanal;
- Vida em equipa ao longo do mês;
- Disponibilidade para a Missão (na Igreja e no Mundo).

Quanto à Equipa

- Vida da Equipa ao longo do mês;
- Reunião da Equipa:
 - Refeição;
 - Oração;
 - Pôr-em-comum;
 - Partilha dos meios concretos e das atitudes;
 - Tema de Estudo.

- Responsabilidades:
 - O Casal Responsável;
 - O Casal Animador;
 - O Casal de Ligação;
 - Contributos dos outros membros da equipa (casais e e Conselheiro Espiritual).

Quanto ao Movimento

- As Actividades do Movimento (Sector, Região, Nacionais e Internacionais);
- Participação nas Actividades;
- Disponibilidade para assumir responsabilidades, quando chegar o momento, em espírito de entreatajuda;
- Quotização.

Propósitos para o Futuro

- Em Casal e em Família;
- Em Equipa;
- No Movimento;
- Na Igreja;
- No Mundo.

3. Pistas de reflexão em casal e em equipa

- Em casal:
 - Façamos uma reflexão aprofundado do ano que agora termina, com base nos tópicos apresentados (a reflexão sobre o casal será feita durante o Dever-de-se-sentar).
 - Realçemos os aspectos mais positivos e os que carecem de melhorias para o próximo ano.
 - Que propósitos concretos estabelecemos para o próximo ano?
- Em equipa:
 - Apresentemos, em espírito de verdade e de abertura, a nossa reflexão sobre os tópicos sugeridos (ponto 2.).

- Façamos a análise dos tópicos apresentados por cada um e identifiquemos quais os aspectos a dar prioridade, em equipa, para o próximo ano?

Sugerimos que a equipa **guarde o balanço** que efectuar, para aferir a evolução dos aspectos identificados como prioritários, e para o comparar com o dos anos seguintes.

4. Proposta para o Dever-de-se-sentar

Começemos o Dever-de-se-sentar com a leitura do texto de meditação (ponto 1.) seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Podemos iniciar o diálogo com esta interrogação:

- “Fica sabendo que ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo”. Que oportunidades aproveitámos este ano para renascer, para mudarmos de vida, para nos convertermos? E que oportunidades deixamos fugir? Quais as mudanças mais relevantes que eu senti em ti? E tu em mim?

Aproveitemos este mês para também fazer o balanço do nosso ano de vida a dois e em família, segundo os tópicos sugeridos no ponto 2. (vale a pena anotar as conclusões, para serem recordadas ao longo do próximo ano).

Do nosso diálogo de balanço certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para definirmos a Regra-de-vida.

Após esta autêntica revisão de vida podemos decidir o que queremos Pôr-em-comum na reunião.

5. Sugestão para apoio aos restantes pontos concretos de esforço

Para reflexão ao longo do mês:

O último elemento principal da nossa fé, do conjunto que vos temos vindo a propôr como sugestão para o mês, é por assim dizer uma conclusão. A nossa fé implica uma inserção na **comunidade**

evangelizada, ajudando com o nosso contributo para que ela se torne também, e cada vez mais, evangelizadora.

“Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se portanto em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o Reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora. A ordem dada aos Doze –“Ide e Evangelizai” – continua a ser válida, se bem que de maneira diferente, também para todos os cristãos. É precisamente por isso que São Pedro chama a estes últimos “povo trazido à salvação para tornar conhecidas as maravilhas de Deus” (1Ped.2,9), aquelas mesmas maravilhas que cada um pôde alguma vez escutar na sua própria língua (cf. Act.2,11). A Boa Nova do Reino que vem e que já começou, de resto, é para todos os homens de todos os tempos. Aqueles que a receberam, aqueles que ela congrega na comunidade da salvação, podem e devem comunicá-la e difundi-la ulteriormente.” (EN, nº13).

Escuta da Palavra de Deus

Passagens da bíblia relacionadas com esta sugestão:

Jo. 15,1-17;

Act. 1,8; 2,42-47; 4,32-37;

I Cor. 12,12-30; 16,16;

II Cor. 8,1-5;

Tito 1,5-6.

Outras leituras recomendadas:

- **Catecismo da Igreja Católica**, nº 1877-1948;
- **João Paulo II, Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo** (Christifideles Laici), nº 27;
- **Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral: O Espírito Santo, Senhor que dá a vida (1997)**, nº 29.

Meditação

Na oração pessoal ao longo do mês ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras e confrontando com as nossas atitudes, qual a importância que damos à nossa comunidade familiar, à nossa equipa e às outras comunidades a que pertencemos.

Reflectir também sobre o que nos é hoje pedido pelo Movimento e pela Igreja.

Oração conjugal/familiar

Para que cada um faça rotativamente em cada dia a sua oração partilhada:

- Rezar pedindo ao Senhor que nos ilumine sobre o contributo que cada um de nós e a nossa comunidade familiar pode dar para se tornar ainda mais evangelizadora.
- Agradecer ao Senhor a comunidade constituída pela nossa equipa e a entreeajuda que aí tem sido praticada.
- Agradecer ao Senhor a nossa comunidade familiar, nuclear e mais alargada, e as alegrias e tristezas que temos partilhado.

6. Questões para a Partilha durante a reunião

- Para a partilha do esforço:

As sugestões apresentadas no ponto 5. (para a Escuta da **Palavra de Deus, Meditação e Oração** conjugal/ familiar) serviram para aumentar o nosso sentimento de pertença à nossa equipa? E ao Movimento? E à Igreja?

E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as melhorias alcançadas?

- Para a partilha sobre a mudança de atitudes:

Durante este ano criámos verdadeiras oportunidades de **Encontro e Comunhão** com aqueles que mais precisam de nós? Como?

E nas restantes atitudes, quais foram as evoluções mais assinaláveis ao longo deste ano?

Magnificat de hoje

Senhor, eu sei que sou fraco, que não tenho tempo para nada, que tenho medo, que me sinto cansado, que estou sempre pronto a dizer NÃO em vez de dizer SIM, mas, Senhor, eu preciso que Tu venhas na minha barca para me sentir protegido.

Eu Te louvo, Senhor, pela Tua grandeza, pois Tu pensas em mim que sirvo para pouca coisa e Tu queres fazer em mim maravilhas. Depois de tudo isto, muitos me olharão e me louvarão ou me criticarão porque trabalho na Tua obra. Mas eu sei que a Tua misericórdia virá através de todos aqueles que estão contigo na mesma barca.

Senhor, não permitas que sejamos nem orgulhosos, nem soberbos, nem todo-poderosos, nem presunçosos, nem agarrados às riquezas, nem permanentemente cansados ou queixosos. Mostra-nos como transmitir a alegria de sabermos que tudo vem de Ti.

Todos juntos proclamamos a Tua grandeza e rejubilamos por termos sido escolhidos por Ti. Nós Te damos graças por tudo.

Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio e agora e sempre.

Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra.

Nossa Senhora do lares, rogai por nós.

AMEN.

(Guião do Encontro de Santiago 2000)

Bibliografia

- Guião do Encontro Internacional de Santiago de Compostela 2000 das Equipas de Nossa Senhora, (ENS).
- “Felicidade: um trabalho interior”, John Powell, sj (Paulinas)
- “O Sentimento de Si”, António Damásio, (Publicações Europa América).
- “1ª Evangelização”, Joseph Gevaert (CEP - Centro de Estudos Pastorais, Patriarcado de Lisboa).
- “Ide e evangelizai os baptizados”, José H. Prado Flores (Edições Louva-a-Deus, Brasil).
- “Senhor, eu creio, mas aumentai a minha fé”, D. António Vitalino Dantas (Paulinas, Coleção Celebrar).
- Documento base do Kerigma (CEP - Centro de Estudos Pastorais, Patriarcado de Lisboa).
- “Meditações sobre a Fé”, TADEUSZ DAJCZER (São Paulo, Lisboa, 1995).